FIEG SESI SENAI IEL ICQ BRASIL

NÚCLEOS REGIONAIS

GOIÁS Goiânia-GO Jan/Fev de 2005 Ano 35 - nº 202



SISTEMA FIEG

FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás Presidente: Paulo Afonso Renceia Av. Aragusia, 1.544, Rd.Albano Franco, Casa da Indústria -Vila Nova CEP 74645-070 - Goiânia-GO

Fone (62) 219-1300 / Fax (62) 229-2975

Home-page: www.fieg.org.br E-mail: fie@sistemafieg.org.br

Núcleo Regional da FIEG em Anápolis Presidente: Waldyr O'Dwyer Av. Eng° Roberto Menge, n° 239-A, Bainno Jundiaí CEP 75113-630 Anápolis-CO Rone/Fax (62) 324-5768 / 311-5565 E-mail: nureepossistemefieg.org.br SEST

Serviço Social da Indústria

Diretor Regional: Paulo Afonso Ferreia Superintendente: Paulo Vargas E-mail: adm.sesi@sistemafieg.org.br

TRZ.

Instituto Rualdo Loñ.

Diretor Regional : Daniel Viana

Superintendarte: Paulo Galero Pazarhos

Hone-page: www.ielgo.com.br

Email: iel@sistemafieq.org.br

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

DiretarRegional: Paulo Varges Home-page: www.senaigo.com.br E-mail: senaigo@senaigo.com.br

ICO BRASIL

Instituto de Cer tificação Qualidade Brasil

Direto: Regional: Daniel Viana Superintendante: Paulo Galero Pazarhos Hone-page: www.icopinasil.com.br E-mail: ico@icopinasil.com.br

DIRETORIA DA FIEG

PRESIDENTE Paulo Afonso Ferreira

PRESIDENTE DE HONRA José Aquino Porto(in memorian)

1° VICE-PRESIDENTE Pedro Alves de Oliveira

2° VICE-PRESIDENTE WilsondeOliveira

3° VICE-PRESIDENTE Heno Jácomo Perillo

VTCE-PRESTDENTES Alaísio Sávio da Silva Antônio de Sousa Almeida Daniel Viana Domingos Vilefort Orzil Ednar Sabino Neves Eurípedes Felizardo Nunes Francisco Gonzaga Portes Frederico Martins Evangelista Gregório Vassilive Ferreira Hurberto Rodrigues de Oliveira Izaías Lopes da Silva João Essado Jaroe Luiz Biasuz Meister José Antônio Simão José Rodrigues Peixoto Neto José Vieira Comide Júnior

Leonar do Jayme de Arimatéa Iuiz Rézio

Mário Renato G. de Azeredo Orlando Alves Cameiro Segundo Bracios Martinez

1° SECRETÁRIO

Domingos Sávio Gorres de Oliveira

2° SECRETÁRIO Ivan da Glória Teixeira

1° TESOUREIRO HÉLio Newes

CONSELHO DE

2° TESOUREIRO Abilio Pereira Spares Júnior

CONSELHO FISCAL Waldyr O'Dwyer Orizonar Araújo Siqueira Henrique Wilhem Morg de Andrade

REPRESENTANTES JUNIO A CNI Paulo Afonso Ferreira Sandro Antônio Scodro Mabel

CONSELHO DE REPRESENTANTES JUNIO A FIEG Abilio Pereira Særes Júnior Aldrovando Divino de Castro Júnior Alússio Quintani lha de Banos Arísio Queiroz de Carvelho Jr.
Artônio Clóvis Carreiro
Artônio de Sousa Almeida
Carlos Alberto Diniz
Carlos Alberto Vieina Spares
Carlos Roberto de Araújo
Carlos Roberto Viana
César Helou
Cláudio Henrique Chini
Cyro Miranda Gifford Júnior

Daniel Viana

Domingos Sávio Cones de Oliveira Domingos Vilefort Ozil Edmar Sabino Neves Eduardo Curha Zuppani Eltrode Teles Campos

Brilio Carlos Bittar Eurípedes Felizardo Nures Eurípedes Comes do Canmo Fâcio Ressi

Flázio Paisa Remari Francisco Gorzaga Portes Frederico Martins Evergellista Gilda Leite Pereira Guinar Alves da Silva

Henrique Wilhem Marg de Andrade Hélio Naves Hélio Naves Júnior

Hurberto Rodrigues de Oliveira

Jair Rizzi.

João Essado

Joaquim Cordeiro de Lima
Jorge Luíz Rizauz Meister
José Antônio Sinão
José Luiz Martin Abuli
José Magno Pato
José Vieina Comide Júnior
Joviano Teixeina Járdim
Laeste Sinão

Lecrar do Jayre de Arimatéa Lecpoldo Mor eira Neto Luiz Artônio Vessani Luiz Gorzaga de Almeida

Turiz Rézio

Marley Artônio Rocha
Milton Toraz de Lima
Olaxo Martirs Barros
Ordire Ardizade Pereira
Orlando Alves Carreiro
Paulo Aforso Rerreira
Pedro Alves de Oliveira
Raimundo Viana Dutra
Roberto Guimarães Mendes
Sandro Artônio Scodro Mabel
Sávio Cruvinel Cârera
Segundo Braccios Martirez
Ubiratan da Silva Lopes
Valdenício Rodrigues de Andrade
Walterdan Fernancies Madalena

GOIÁS INDUSTRIAL Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goias

Direção José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo Joelma Pirheiro

Edição Mároara Morais

Lærte Sinão

Reportagem: Andelaide Pereira, Célia Oliveira, Dehovan Lima, Fabrícia Hanu, Geraldo Neto, Giovanna Ameral, Jávier Codinho, Silvana Monteiro e Simão César Fenreira

Colaboração: Welington da Silva Vieira

Potografia: Sílvio Simões

Diagramação: Utopix Design

Potolito: Composição Artes Gráficas

Impressão: Gráfica Kelps (Asa Rditora)

Produção e Publicidade



Síntese

Wellington Carrijo Scares Wilson de Oliveira

Rua 116 A com 116, nº 12, Setor Sul

74085-350 Goiânia-GO Fone: (62) 281-8635

E-mail: sintesecomunicacao@brturbo.com.br

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem

necessariamente a opinião da revista



10 Investimento direcionado

Com um mapa indicando as possibilidades de mineração, Goiás poderá ver incrementada a exploração racional de seu subsolo

14 Futuro ainda é incerto

O crescimento da indústria trouxe amadurecimento e realismo ao setor, mas o que acontecerá este ano ainda é incógnita

26 Em boa companhia

Fieg e Fundação Aroeira ganham parceiros de peso para realizar em Goiânia congresso sobre responsabilidade social

32 Escola concorrida

Têm início os novos cursos superiores do Senai, cujo vestibular foi mais concorrido do que o de outras instituições

38 Rede controladora

Preocupação com segurança alimentar impulsiona aplicação de normas pelas indústrias alimentícias do mundo todo

Qualidade, único caminho

ais depressa do que se imaginava, está findo o tempo do empresário que não se preocupava com o aprimoramento de sua gestão e de seus produtos porque não pretendia submetê-los à concorrência nos mercados internacionais. De repente, ele descobre, cheio de preocupação, que estão oferecendo, na porta do seu estabelecimento, os mesmos produtos, só que de melhor qualidade, maior variedade e menores preços.

No Brasil inteiro, processa-se a implantação da cultura da qualidade e a Federação das Indústrias do Estado de Goiás vem fazendo parte, nos últimos anos, para que isso aconteça, intensa e rapidamente, em nossas indústrias.

Podemos verificar avanços nessa direção em alguns trabalhos de consultoria do Instituto Euvaldo Lodi (IEL), que somente no ano passado levaram à certificação de dez empresas na ISO e no PBPQ-H. Esse ano, em fevereiro, 73 empresas foram preparadas e obtiveram a certificação do Programa de Qualificação de Fornecedores.

Integrante do Sistema Fieg, o ICQ Brasil – o único instituto de certificação da qualidade Brasil do Sistema CNI – já estende sua atuação a 23 unidades federativas, onde certificou mais de 700 empresas, 70 das quais em nosso Estado. A título de curiosidade, vale registrar que, das 30 empresas de manu-



"Cada vez mais
empresas goianas se
convencem de que a
concorrência da
globalização as
obriga à cultura da
qualidade, o único
caminho para novos
mercados, novas
parcerias e
novas tecnologias"

PAULO AFONSO FERREIRA

tenção de extintores de incêndio, em Goiás, 26 já estão certificadas pelo ICQ Brasil.

A comprovação do interesse pela qualidade está em toda parte. Em 2004, por exemplo, a Usina Jalles Machado S/A venceu a etapa nacional do Prêmio CNI de Conservação e Uso Racional de Energia 2004 - Categoria Energia Alternativa, com

seu projeto "A energia que vem da cana - eficiência e economia". Outra empresa goiana, a Mecat - Filtrações Industriais, ganhou o Prêmio Finep de Inovação Tecnológica 2004, etapa nacional, com seu "filtro inovador", destinado a indústrias de suco de laranja, açúcar e álcool e laticínios. Em março, a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), do Ministério da Ciência e Tecnologia, realiza na Fieg, em Goiânia, o Fórum Regional de Inovação Tecnológica da Região Centro-Oeste e lança a nova edição do Prêmio Finep.

Cada vez mais empresas goianas se convencem de que a concorrência da globalização as obriga à cultura da qualidade, o único caminho para novos mercados, novos produtos, novas parcerias e novas tecnologias.

Empresários e governantes deste Estado aprenderam a rota compensadora das viagens ao exterior, onde têm aprendido muito, em todos os sentidos. É preciso ser bom, quando não se pode ainda ser o melhor. Frutos já começam a ser colhidos da aproximação com Estados Unidos, Alemanha, Itália, Espanha, Grécia, China, Japão, Índia, Coréia, México e outros países, a começar da certeza de que, sem qualidade, perderemos a concorrência até mesmo dentro de casa.

Império da cana

Com área plantada de 31,5 mil hectares de cana e um complexo industrial que a transforma em diversos produtos para os mercados interno e externo, a Jalles Machado mostra por que está entre as usinas mais modernas do País. O grupo conquistou o Prêmio CNI de Conservação e Uso Racional de Energia, da Confederação Nacional da Indústria, e a certificação ISO 14001, por seu Sistema de Gestão Ambiental, cujos procedimentos permitem controlar e reduzir os impactos produzidos pelo empreendimento sobre o meio ambiente. Na empresa, tudo o que vem da cana é aproveitado, do sumo ao bagaço, que aduba a lavoura e gera energia elétrica. O açúcar é industrializado na forma convencional e orgânica, e exportado para Canadá e Estados Unidos. Otávio Lage de Siqueira, diretor presidente do grupo, conta nesta entrevista como a empresa chegou aopatamar onde hoje se encontra e o que ela representa para a economia do município de Goianésia, onde está instalada.



Otávio Lage de Siqueira, diretor-presidente do grupo Jalles Machado

Goiás Industrial – A empresa foi condecorada com o Prêmio CNI de Conservação e Uso Racional de Energia. Como esse projeto está sendo desenvolvido?

Otávio Lage de Siqueira – A Jalles Machado vem trabalhando nesse projeto desde 2001, com a implantação do sistema de co-geração para exportação de energia a partir do bagaço da cana. Desde

então, as ampliações na indústria, bem como as instalações existentes, foram adequadas de forma a se obter qualidade, economia e eficiência, através de medidas fundamentais como o planejamento estratégico dos investimentos, a elaboração criteriosa dos projetos industriais, a criação da Comissão de Gestão de Economia, entre outras. Esse é um

processo natural e contínuo. Com o aumento da competitividade, as empresas têm de se adequar.

Goiás Industrial – O protocolo de Kvoto, criado em 1997, limita a emissão de dióxido de carbono na atmosfera. Pelo acordo, os países ricos signatários são obrigados a reduzir as emissões de gases do efeito estufa em média 5%, até 2012, e comprar créditos certificados de reduções nos países em desenvolvimento. A Jalles Machado pretende entrar no mercado internacional de créditos de carbono? Otávio Lage – Sim, pois enxergamos nele um importante nicho de mercado. Contratamos em 2003 a filial brasileira da Econergy International Corporation para elaborar um projeto de redução de emissões de gases de efeito estufa. Em janeiro de 2004, recebemos da DNV (Det Norske Veritas Certificadora) o certificado de validação do Projeto de Co-geração com Bagaço, com base nos critérios do Protocolo de Kyoto, nas modalidades e prescritas pelo projeto de MDL (Mecanismo de Desenvolvimento Limpo), conforme o Acordo de Marrakesh. A empresa está totalmente preparada para comercializar crédito de carbono, aguardando apenas a liberação da atividade por parte do governo brasileiro.

Goiás Industrial – Como vem se comportando o setor sucroalcooleiro diante da necessidade de se criar no meio uma cultura de preservação do meio ambiente? Otávio Lage – Na história da Jalles, a preocupação com a melhoria contínua dos processos e o espírito empreendedor da alta administração fazem com que o pioneirismo esteja sempre presente na empresa. Isso se manifesta tanto na implementação de novidades tecnológicas, quanto na visão do ser humano como sendo nosso valor máximo, ou na maneira de compreender e tratar o meio ambiente. Em 1989, criamos nosso primeiro projeto ambiental, o Proema (Projeto Ame a Ema), visando conservar a fauna silvestre e chamando a atenção da comunidade para as questões ambientais. Outros exemplos dessas ações são o reflorestamento de eucaliptos, a preservação das matas ciliares, a proteção das nascentes, da Mata dos Macacos - reserva aberta à visitação de alunos das escolas do município -, a coleta seletiva do lixo, o aproveitamento dos resíduos industriais e um viveiro para a produção de mudas das espécies nativas do Cerrado. Também participamos do Codema (Conselho de Defesa do Meio Ambiente) e promovemos campanhas educativas nas escolas. O resultado disso é que recebemos as certificações ISO 9002, por nosso sistema de gestão de qualidade, e o ISO 14001, pelo de gestão ambiental, conforme o Bureau Veritas Quality International.

"Compramos
energia da
Bolívia, contra o
interesse
nacional. Temos o
produto, mas não
temos a geração
de empregos
advinda da
atividade"

Goiás Industrial – Sobre os recursos humanos, quais os principais

pontos da política de responsabilidade social da empresa?

Otávio Lage - Posso dizer que ela consiste na percepção das diferenças sociais existentes, em suas carências e na intenção de supri-las. Essa visão da empresa existe praticamente desde a sua fundação, há 22 anos. As ações sociais se desenvolvem através de diversos projetos, mantidos com vários parceiros, que privilegiam o bem-estar dos funcionários e da comunidade local. Enfocamos, prioritariamente, a educação, por considerá-la a base do desenvolvimento de toda sociedade. Damos apoio financeiro a escolas do ensino básico e profissionalizante da rede municipal. Mantemos em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte o projeto Educação em Tempo Integral, que beneficia 1.300 alunos, de oito escolas públicas. Após a aula, eles vão para os centros educacionais, onde praticam atividades esportivas e pedagógicas; almoçam na escola e lancham nos centros. Temos, ainda, o projeto Por um Brasil Alfabetizado, em parceria com o Sesi, e uma escola de primeiro grau para os filhos dos funcionários, mantida pela Fundação Jalles Machado, que atende 200 crianças com ensino, alimentação e entretenimento. Através da Fundação, os empregados (700 na indústria e cerca de 1,8 mil na parte agrícola) e suas famílias têm acesso a plano subsidiado de saúde, serviço médico e hospitalar, odontológico, farmácia, ambulatório, dentre outros.

Goiás Industrial – A empresa inaugurou, em 2004, a primeira termelétrica de Goiás para co-geração de energia a partir do bagaço da cana. O quanto esse fato é representativo para o Estado?

Otávio Lage - Goiás é rico em po-

tencial hidráulico, mas o gerenciamento disso é caro. Um exemplo do alto custo é a usina de Cachoeira Dourada. Mesmo a de Corumbá, que é menor, exige muitos recursos do Estado. Hoje, Goiás compra energia de Cachoeira Dourada, que foi vendida, e também de outros Estados. Há 12 redes que passam por aqui. Como temos uma usina de cana-de-açúcar e ela produz vapor, temos combustão suficiente para gerar energia de sobra. Quando alcançarmos a geração completa, ela representará de 23% a 25% do nosso faturamento. Esse investimento exigiu uma ampliação da parte agrícola e da área da usina, com ele, todos ganham: a Prefeitura, o Estado e a União. A usina emprega atualmente uma parcela significativa da população local.

Goiás Industrial – Quais são os projetos de expansão do grupo? Otávio Lage – Estamos com 31,5 mil hectares de cana plantada e pretendemos passar para 37 mil, visando ampliar a geração de energia de 38 para 50 megawates, com investimentos da ordem de R\$ 10 milhões e início de operação previsto para maio de 2006. Esse empreendimento atende às exigências

do Proinfa (Programa de Incentivos às

Fontes Alternativas de Energia Elétrica, do governo federal, cujo objetivo principal é financiar, com suporte do BNDES, projetos de geração de energia a partir dos ventos – eólia –, de pequenas centrais hidrelétricas – PCHs –, do bagaço da cana, casca de arroz, cavaco de madeira e biogás de lixo (biomassa). Pretendemos também elevar a produção de açúcar de 2,8 milhões de sacos de 50 Kg para 4,6 milhões, e de 56 milhões de litros de álcool para 75 milhões de litros/safra. A cana moída passará de 1,6 milhão de toneladas para 2,6 milhões, com investimen-

"É preciso fazer
pequenas usinas,
em locais
adequados, no
meio dos centros
de consumo, que
proporcionem uma
distribuição mais
certa e
permanente"

tos da ordem de R\$ 40 milhões para a parte industrial e agrícola. Essa expansão terá início agora, em 2005, e será concluída em 2010.

Goiás Industrial – Segundo alguns especialistas, o Brasil corre o risco de um novo colapso, se não houver uma política de investimentos imediata para o setor de energia elétrica. Como o senhor vê essa ameaça?

Otávio Lage – Tudo aquilo que não conta com planejamento pode trazer problemas. Goiás precisa se prevenir. As usinas que estão sendo criadas agora geram energia exatamente no momento em que a água dos rios está baixando. Não se pode falar em aumento da capacidade das hidrelétricas, hoje. Cachoeira Dourada pode atingir níveis máximos de geração na época das águas, mas durante a estiagem é impossível. As usinas autônomas favorecerão o Estado, porque vão gerar energia no período da seca.

Goiás Industrial – O senhor acredita na possibilidade de um novo apagão?

Otávio Lage – Hoje, quase todas as nossas atividades envolvem o

SOLUÇÕES PARA SOLDA E CORTE



uso de energia. E a tendência é de que isso aumente cada vez mais. Eu me lembro que, quando meu pai levou energia elétrica para as casas de Buriti Alegre, elas ficavam iluminadas durante a noite, e era tudo. Depois, começaram a aparecer nos lares o liquidificador, o fogão elétrico, o ventilador. A demanda por energia elétrica aumentou em todo o País. A situação chegou a um nível preocupante e o governo já percebeu isso. A ministra de Minas e Energia (Dilma Rouseff) vem chamando a atenção para o problema. As usinas estão empenhadas em ajudar a resolvê-lo, mas querem retorno financeiro. A usina tem um grande custo inicial. Atualmente, compramos energia da Bolívia, contra o interesse nacional. Temos o produto, mas não temos a geração de empregos advinda da atividade. As maiores usinas hidrelétricas foram construídas pelo governo, pois a iniciativa privada não tinha condições de explorar a atividade. Hoje, tem. Para evitar o risco de um apagão, a iniciativa privada pode fazer pequenas usinas, em locais adequados, no meio dos centros de consumo, que proporcionem uma distribuição mais certa e permanente.

Goiás Industrial – Os combustíveis alternativos, a exemplo do álcool, podem se sobrepor ao petróleo? Otávio Lage – Eu tenho certeza disso. O petróleo é finito, os pontos de exploração vão acabar e o consumo está cada vez maior. Os americanos já estão preocupados com a questão. É importante que nós estejamos preparados para esse problema e façamos a substituição de combustível logo.

Goiás Industrial - O setor sucroal-

cooleiro vive expectativa de aumento das exportações. Ela se confirmará em 2005?

Otávio Lage – As previsões são as melhores possíveis. Pretendemos aumentar cada vez mais as exportações, devido à tendência mundial de se usar o álcool como combustível, seja em mistura ou até mesmo puro.

"Os juros não
podem permanecer
nos níveis que
estão. Hoje, quem
quer ganhar
dinheiro tem de
aplicá-lo. Quem
desenvolve o
Brasil não ganha
com a produção"

Goiás Industrial – A atual política de juros do governo vem sendo criticada pela classe industrial. O senhor acha que ela impede o desenvolvimento do País?

Otávio Lage – A indústria paga o juro e depois cobra em cima do que ela vai produzir. Mas com o setor agrícola não é assim. Ele sofre muito mais, porque não pode repassar para o produto final o que paga de taxas. O governo tem a preocupação de garantir alimento para o povo. Temos de 3% a 4% da população produzindo para alimentar os 97% restantes. De que lado fica o governo? Do lado da maioria, evidentemente. Mas não se pode matar a galinha dos ovos de ouro. Se não houver retorno financeiro para os agricultores, a atividade pára. Eu considero as taxas atuais abusivas, a agricultura não suporta. Temos uma receita na agricultura da ordem de 4%, ao ano, isso quando ela é muito boa. Então, como é que podemos pagar taxas de juros entre 28% a 30%, ao ano? Hoje, quem quer ganhar dinheiro tem de aplicá-lo. Quem desenvolve o Brasil não ganha com a produção. Não temos margem de lucro para sustentar essa taxa de juros. Eu acho que muitas vezes os banqueiros, os economistas ficam insensíveis ao que está acontecendo. Quem produz e gera emprego conhece a realidade do País.

Goiás Industrial – A reforma tributária pode prejudicar os Estados mais pobres. O senhor considera que o prejuízo de Goiás será grande, já que os incentivos fiscais concedidos pelo governo para atrair as indústrias serão extintos?

Otávio Lage - O governador de Goiás realmente deu um grande salto, no que se refere à implantação de programas de incentivo. Mas São Paulo, que é o centro político do País, sentiu que estava havendo um esvaziamento de suas áreas para outros Estados. São Paulo é a locomotiva do Brasil, porque sempre teve mais energia, mais estradas, mais escolas. Mas para que o País cresca, temos de manter esse desenvolvimento não só lá, mas em todos os Estados. É preciso raciocinar em termos globais, e não apenas uma só região. Penso que os Estados da Região Nordeste vão sofrer muito mais. Acho que já passamos dessa fase de prejuízo grande, porque hoje nossas condições são espetaculares. Temos energia, estradas, linhas de financiamento e uma mentalidade empresarial melhor. Se essa mudança fosse há dez anos, realmente haveria problema.

Tecnologia goiana é premiada

Mecat conquista o Prêmio Finep na categoria produto e é reconhecida pela comunidade científica nacional, após enfrentar diversos concorrentes de peso

epois de obter o reconheci mento do mercado, que já aprovou seus produtos tanto no Brasil quanto no exterior, a Mecat Filtrações Industriais também conquistou o reconhecimento da comunidade científica nacional. A empresa, situada em Abadia de Goiás, foi a grande vencedora da edição 2004 do Prêmio Finep de Inovação Tecnológica, na categoria Produto, com o equipamento turbo filtro. O fundador e atual presidente do grupo, Attilio Turchetti, recebeu a premiação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em dezembro, durante cerimônia realizada no Palácio do Planalto.

O turbo filtro separa as partículas sólidas insolúveis em suspensão nos líquidos, podendo ser utilizado em praticamente todas as indústrias alimentícias, principalmente nas de suco. Segundo o gerente técnico da empresa, Marcionil Borges de Faria, o turbo filtro apresenta muitas vantagens em relação a outros equipamentos com a mesma função, dentre elas, a durabilidade, por ser feito em aço inox.

A Mecat começou a desenvolver o turbo filtro em 1987 e, depois de seu lançamento, em 1993, a empresa tornou-se líder no processamento de suco de laranja na Flórida (EUA), na América Central e no Brasil. "Fornecemos o turbo filtro para os Estados de São Paulo, Paraná e Sergipe. Estamos expandindo nossos negócios para países como o México, Costa Rica e Uruguai", disse Faria.

RECONHECIMENTO

Atualmente, a empresa tem 12 patentes registradas nos Estados Unidos e no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI). Conforme o gerente técnico da empresa, a conquista do Prêmio Finep veio como reconhecimento não apenas ao trabalho da Mecat, mas à toda produção científica e tecnológica do Estado. "Foi uma

> grande vitória, mostramos que aqui também se produz tecnologia de ponta. Goiás não se resume às atividades de agricultura e pecuária. Nosso potencial é muito maior do que imagina o restante do Brasil", enfatiza Faria.



Lula entrega o troféu a Attilio Turchetti

O trabalho de pesquisa para o desenvolvimento do turbo filtro foi feito com recursos próprios e por técnicos da empresa. "Trata-se de tecnologia genuinamente goiana", frisou Faria..

A premiação veio ampliar os negócios da empresa. Segundo o gerente técnico, os pedidos de turbo filtro para usinas de álcool cresceram 150%, de janeiro até agora, em relação ao mesmo período do ano passado. "Já entregamos nove equipamentos para as usinas e, em breve, entregaremos mais quatro", comemora.

Para as indústrias cítricas, maiores compradoras da Mecat, as encomendas também cresceram. "Temos seis pedidos para entregar até abril. É um número muito expressivo, principalmente se considerarmos que se trata somente do mercado interno", disse Marcionil Faria.



Turbo filtro: equipamento inova o processamento de sucos

Pesquisa otimiza produção mineral

O levantamento aerogeofísico de Goiás atualiza as informações sobre o potencial mineral do Estado e recupera um atraso de cerca de 30 anos sem pesquisas



Iuis Vessani, presidente do Simagran: "a pesquisa inaugura um tempo de modernidade para o setor mineral em Goiás"

A primeira etapa do levantamento aerogeofísico de Goiás, concluída em dezembro último, trouxe o estudo de uma área de 76,9 mil quilômetros quadrados, que corresponde a dois blocos, um ao norte do Estado, e outro oeste e centro. Os

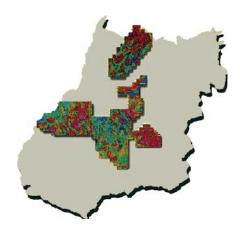
dados foram reunidos a partir de sobrevôos nas regiões do Arco Magmático de Goiás, do Complexo Anápolis-Itauçu e da Seqüência Vulcano-Sedimentar de Juscelândia.

Na pesquisa, que culminou com o mapeamento aerogeofísico, foram focalizadas as rochas précambrianas, o que equivale a uma área de 170 mil quilômetros quadrados. Na primeira etapa, foi analisada uma área correspondente a 19% do território goiano, abrangendo 128 municípios. O superintendente de Geologia e Mineração da Secretaria de Indústria e Comércio do Estado de Goiás (SIC). Luiz Fernando Magalhães, que está à frente do empreendimento, disse que os métodos utilizados no levantamento são os mais modernos no mundo

e podem detectar a presença de concentrações metálicas em profundidades de até 300 metros.

Além de fotos aéreas, foram empregados nesse trabalho recursos da magnetometria e da gamaespectrometria. A primeira mede as variações do campo magnético da Terra, devido à distribuição irregular das rochas com susceptibilidade magnética, e pode ser empregada na prospecção de materiais magnéticos, como os minérios de ferro. Já a gamaespectrometria baseia-se nas propriedades radioativas de certos minérios (principalmente minerais de Urânio). Através de aparelhos especiais, esses minérios podem ser detectados na superfície da Terra.

Os vôos atingiram altura de cem metros. A prospecção mineral nessas regiões será facilitada. A Austrália e o Canadá são os maiores concorrentes do Brasil no mercado internacional de mineração e dispõem de mapeamento detalhado, semelhante a este, feito em Goiás.



Mapa delimita regiões estudadas em Goiás

A BASE É A INFORMAf $\tilde{\mathsf{n}}$ O

"O projeto insere Goiás num contexto de modernidade e nos ajuda a recuperar um atraso de investimento institucional de três décadas", disse o presidente do Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás (Simagran), Luis Antônio Vessani. Segundo ele, o último grande levantamento regional ocorreu na década de 70, quando o Projeto Brasil-Canadá cobriu boa parte do Estado. "Como os dados são de 30 anos atrás, eles ficaram ultrapassados e não servem mais como base para se traçar um cenário atual das possibilidades da mineração goiana", explicou.

De acordo com o presidente do Simagran, a construção de um banco de dados é fundamental para a prática da mineração. "Nossa atividade é baseada em informações. São elas que nos levam às jazidas", disse. Em Goiás, essa necessidade é ainda maior, devido às condições naturais peculiares da região. "Nosso clima favorece a formação de um solo que mascara a rocha, tornando mais difícil e cara a prospecção de jazidas", disse Vessani.

Segundo Magalhães, a tecnologia empregada no levantamento leva em conta essas características e é a mais adequada no caso de Goiás. "Não temos jazidas minerais aflorantes. Elas estão na sub-superfície, escondidas. Para encontrá-las, é preciso utilizar recursos específicos", explica.

No total, foram investidos R\$ 5 milhões na primeira fase do projeto, sendo R\$ 3,5 milhões do governo estadual e R\$ 1,5 milhão do

governo federal. Um convênio já foi assinado para a execução da segunda fase do projeto, que ocorrerá este ano e contempla recursos da ordem de R\$ 3,7 milhões. Ao todo, a previsão de investimento é de R\$ 12 milhões. A segunda fase do projeto começa no final de março, quando serão feitas fotos aéreas de aproximadamente 120 mil quilômetros de área.

De acordo com o Luiz Fernan-

O projeto insere
Goiás num contexto
de modernidade e
nos ajuda a
recuperar um
atraso de
investimento
institucional de
três décadas

do Magalhães, o levantamento aerogeofísico atende tanto às necessidades dos empresários do setor, que desde sua disponibilização, em dezembro do ano passado, até agora, 12 empresas de grande porte já adquiriram os CD ROMs com os mapas da regiões analisadas e mais de 600 requerimentos de pesquisa mineral no Estado foram feitos no Departamento Nacional de Pesquisas Minerais (DNPM).

Entre as empresas que compraram a pesquisa Magalhães destaca a Vale do Rio Doce. "O



MAIS DE 11.000 CALDEIRAS VENDIDAS NO BRASIL



Caldeiras Mission 3 Pass (2-34ton/h) gás/óleo/mista



Caldeiras FAM (2-25ton/h) lenha, cavaco e briquetes



Aquecedores Fluido Térmico gás/óleo (até 10.000.000kcal/h)

MATRIZ: Rua Divino Espírito Santo, 1100 Carangola - Petrópolis – Rio de Janeiro Tel.: (24)2233 -9963

E-mail: RIO@aalborg-industries.com.br Web Page: www.aalborg-industries.com.br

REPRESENTANTEA YARORENG AEN TO VAPOR LTDA TEL: (62)246-4646

E-mail: darlo@vaporenge.com.br

caso da Vale nos deixa especialmente animados, pois já havia 20 anos que a empresa tinha desistido de realizar pesquisas minerais em Goiás. A compra das informações mostra que agora ela está realmente disposta a investir no Estado", avalia o superintendente da SIC.

INVESTIDORES Ç VISTA

A iniciativa deverá atrair mineradores nacionais e internacionais, interessados em investir em novas jazidas de metais básicos e ouro. O presidente do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), José Mendo, disse que o mercado está ávido para conhecer o potencial mineral de Goiás.

Ele considerou o levantamento aerogeofísico um marco histórico, pelo fato de estar sendo reinaugrado um ciclo de ofertas de estudos mais profundos, essenciais à competitividade do Estado nesse setor. De acordo com o presidente do Ibram, o estudo goiano é o mais recente do País. O último foi feito por Minas Gerais, há dois anos. "Os empresários dispõem de dados muito atualizados e isso é extremamente importante na hora de avaliar o potencial e o risco de um investimento", completou.

O trabalho deverá se estender até 2006, sendo seus principais objetivos: atrair investimentos privados na prospecção e na pesquisa mineral em Goiás, incrementar o processo de geração de jazidas minerais e contribuir para a elaboração de políticas e propostas de gestão territorial.

Granito mais barato

levantamento aerogeofísico beneficia também as indústrias que já estão instaladas no Estado e que vêm expandindo seus negócios, como a Cajugram. De origem capixaba, a empresa iniciou suas atividades em 1990, e possui jazidas em Goiás nos municípios de Jussara, Itapaci, Itapuranga e Piranhas, de onde é extraído o granito para a fabricação de chapas, ladrilhos, entre outros tipos de peças sob medida. "Produzimos em torno de 55 mil metros quadrados de peças por mês, e 50% desse total é destinado à exportação", informou o diretor Otávio Junqueira.

Recentemente, a Cajugram inaugurou mais uma indústria, desta vez em Luziânia, com capacidade para produzir entre 7 a 8 mil metros quadrados por mês de chapas polidas e ladrilhos. "O mercado regional é muito promissor e,

com essa indústria, poderemos atender toda a demanda interna por granito Vermelho Brasília", disse Junqueira. Além das jazidas, a empresa serra e beneficia o granito no próprio Estado, o que contribuiu para a redução dos preços do produto.

Otávio Junqueira se diz otimista com os resultados que o mapeamento pode trazer para o setor, já que a partir de agora os investidores terão ferramentas adequadas para fazer prospecções com mais segurança. Porém, para que o ano de 2005 seja favorável à indústria da mineração, é preciso mais do que informações atualizadas, disse Junqueira. "É preciso que o cenário econômico acene com melhores oportunidades. Os custos internos estão muito altos, o dólar está baixo e o mercado interno anda incerto. Vamos trabalhar com cautela".



A industrialização do granito traz dividendos e reflete nos preços do mercado

Prontos para o resto do dia

KARLA PATRÍCIA VESPAR

ão se trata de nenhum remédio milagroso, mas quem faz exercícios de ginástica laboral durante alguns minutos, diariamente, alonga a musculatura do corpo, evita lesões e melhora a disposição no trabalho.

De uns anos para cá, com a crescente preocupação em investir na melhoria da qualidade de vida dos empregados, as empresas procuram aderir a programas de saúde e, em especial, à ginástica laboral, que com a prática constante, proporciona excelentes resultados físicos e psíquicos.

Pausas de 10 a 12 minutos diários para alongar, relaxar e descontrair já são rotina em várias empresas, dos mais distintos segmentos. O alongamento é o melhor antídoto contra doenças ocupacionais, dores musculares e vícios posturais. Estudos mostram que empresas que investem neste tipo de programa reduzem consideravelmente o número de afastamentos por doenças médicas, faltas ao trabalho. Por outro lado, as pessoas ficam mais alegres, dispostas e motivadas a trabalhar, tornando-se, consequentemente, mais produtivas.



Na maioria das empresas hoje atendidas com programas de ginástica, as aulas são desenvolvidas no início da jornada diária, no próprio local de trabalho e ministradas por acadêmicos em educação física supervisionados por profissionais graduados na área.

De acordo com a metodologia empregada no programa Sesi Ginástica na Empresa, para implantá-lo numa determinada instituição, é necessário primeiramente que se faça um diagnóstico, ou seja, um reconhecimento do local e das suas particularidades laborais. De acordo com o estudo minucioso dos dados observados. são elaborados os exercícios para cada caso.

Este tipo de atividade não exige roupas especiais pois não requer grande esforço físico, por tratar-se de exercícios de alongamento muitas vezes complementados com atividades motivacionais e de integração. Para dinamizar e incrementar as aulas, são utilizados vários recursos extras como: música, bolinhas de borracha, bastões, barbantes, balões, elásticos, colchonetes e muita animação e criatividade por parte dos instrutores.

A ginástica laboral é um programa complexo, que tem caráter preventivo, sócio-educativo e lúdico, voltado para a adoção de estilo de vida mais ativo e para a formação de comportamentos e hábitos saudáveis, que repercutem na melhoria da qualidade de vida.

Cuide de seu maior patrimônio: seu corpo. Cuide do maior patrimônio de sua empresa: as pessoas.

Atualmente, o programa SESI Ginástica na Empresa atende 58 empresas, estabelecidas em vários municípios do Estado, beneficiando cerca de 30 mil trabalhadores.

Karla Patrícia Vespar Teixeira é professora de educação física e coordenadora do programa Sesi Ginástica na Empresa



Indústrias se profissionalizam e amadurecem

Com aumento na produção e na geração de empregos, as indústrias goianas fecharam 2004 com saldo positivo. Para diminuir custos e ficar menos vulneráveis às mudanças no cenário econômico, elas se profissionalizaram e amadureceram. Em Goiás, como no resto do Brasil, os empresários continuam otimistas quanto ao crescimento da economia, mas são prudentes e cobram cada vez mais do governo as medidas indispensáveis para que isto aconteça

s indústrias goianas termina ram 2004 com desempenho Superior a 2003, e mantêmse otimistas com relação às perspectivas de negócios para 2005. O otimismo, entretanto, vem acompanhado de muita cautela, já que o segmento teve um final de ano difícil em vendas e faturamento. Esse é o cenário apontado por pesquisas da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Embora tenha havido desaquecimento na atividade industrial no último trimestre de 2004, a média geral do ano aponta aumento dos postos de trabalho, da produção e dos salários pagos aos empregados.

Conforme a pesquisa Produção Industrial Mensal/Produção Física (PIM/PF), do IBGE, a produção das indústrias goianas cresceu 8,4%, de janeiro a dezembro de 2004, em comparação com o mesmo período de 2003. O destaque

ficou com os segmentos de produtos químicos, cujo índice de crescimento foi de 12.7%: extrativo, de 9,7%; e de alimentos e bebidas, com 8,3%.

A quanti-
dade de empregos gerados pelas
indústrias de Goiás, em 2004, tam-
bém apresentou crescimento con-
siderável. De acordo com o Ca-
dastro Geral de Empregados e
Desempregados (Caged), do
MTE, enquanto em 2003 havia
577.857 pessoas empregadas no
Estado, em 2004 esse número sal-
tou para 615.110, o que corres-
ponde a uma variação absoluta de
37.253 novas vagas. A indústria
de transformação, segundo o Ca-
ged, foi a que mais gerou empre-
gos em Goiás, respondendo por
33,33% dos novos postos de tra-
balho abertos.

Variáveis	dez/04 nov/04	dez/04 dez/03	dez/04 dez/03	jan a dez/04 jan a dez/03	
Vendas (%)	-8,50	-5,68	-5,68	1,99	
Salário (%)	-5,28	3,72	3,72	12,76	
Emprego (%)	-4,14	12,57	12,57	12,02	
Horas (%)	-0,21	10,93	10,93	7,09	
UCI (%)	-3,14	5,55	5,55	3,13	

Fonte: Fieq/IEL

Os itens salário e emprego também se destacaram na pesquisa Indicadores Industriais, da Fieg: de janeiro a dezembro de 2004, houve aumento salarial para o trabalhador da indústria de 12,76% e crescimento de 12,02% no número de postos de trabalho, em relação ao mesmo período de 2003. "Esses índices são muito expressivos e nos surpreenderam, pois esperávamos que eles seriam da ordem de 8%", avalia o economista Cláudio Henrique de Oliveira que atua na Coordenação Técnica da Fieg.

COMPRADORES DE FORA

No que diz respeito às vendas, a pesquisa da Fieg registrou crescimento de 1.99%, em 2004, comparado ao ano anterior. O melhor desempenho nesse item ficou por conta do setor sucroalcooleiro, com uma expansão nas vendas de 24,31%. O presidente executivo dos sindicatos das indústrias de álcool e açúcar (Sifaeg e Sifaçucar), Igor Montenegro Celestino Otto, atribui esse resultado à recuperação dos preços do álcool e do açúcar, que estavam tão defasados, que, em alguns casos, chegaram a ser menores do que os custos de produção, segundo ele.



Setor qu-imico-farmacêutico abre postos de trabalho e favorece a economia

Outro fator apontado por Montenegro foi o aumento das exportações. "Em 2004, enviamos a primeira remessa de álcool combustível para países como Estados Unidos, Caribe e Índia. Foram 60 milhões de litros, uma marca histórica".

Embora o setor tenha encerrado 2004 com o melhor desempenho de vendas registrado pela indústria goiana, a produção, que sempre foi maior do que a média da Região Centro-Sul (composta pelos outros Estados do Centro-Oeste e do Sudeste e Sul), ficou abaixo do esperado. Segundo Montenegro, enquanto no Centro-Sul o crescimento foi de 10,5%, em Goiás ficou em 6,5%. Ele atribui o fato à sobrecarga de tributos e às questões climáticas. "Tivemos um

período de seca prolongado e as chuvas vieram fora de época".

As exportações também foram

As exportações também foram determinantes no bom desempenho que teve a indústria química em 2004, opina o presidente do Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás, Eduardo Cunha Zuppani. "Como nossos produtos são muito utilizados na agricultura e na pecuária, e esses dois setores elevaram de forma considerável suas remessas para o mercado externo, acabamos beneficiados por esse aquecimento nas vendas", diz.

Este ano, os empresários do setor químico se dizem mais cautelosos. "Se o dólar continuar caindo e as taxas de juros subindo, a exportação deixará de ser um bom

negócio para os empresários brasileiros e nós sentiremos diretamente os efeitos dessa reação", diz Zuppani.

O CRAVO DA TA [A DE JUROS

A indústria começou 2004 com fôlego, depois de sair de um período de apreensão e estagnação. O desempenho no primeiro semestre superou as expectativas do setor e mostrou que os empresários aprovaram a política econômica do governo, marcada pelo superávit da balança comercial e pela queda da taxa de juros. O crescimento das atividades industriais em Goiás prevaleceu até setembro.

No segundo semestre de 2004, a pesquisa Sondagem Industrial, da Fieg, mostrou que a liquidez e o faturamento das indústrias caíram, em relação ao primeiro. A pesquisa trabalha com indicadores acima ou abaixo de 50 pontos – acima de 50 eles indicam melhora nas condições ou expectativas positivas. Embora tenha subido no segundo e no terceiro trimestres de 2004, a liquidez das indústrias caiu no quarto trimestre, atingindo apenas 45,8 pontos. O mesmo ocorreu com o faturamento, que começou 2004 positivo, com 59,4 pontos, e terminou o ano com 50 pontos.

Os novos rumos dados à política monetária e de controle da inflação pelo governo federal — que voltou a elevar as taxas de juros —, aliados à dificuldade de acesso ao crédito para o consumidor e para o empresário, reduziram o faturamento e a liquidez. Diferentemente do segundo e do terceiro trimestres de 2004, o último foi de desaceleração.

Avaliação do presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, sobre a política monetária reflete a preocupação dos empresários. É pessimista o diagnóstico da CNI sobre o comportamento da inflação, que identificou forte resistência à queda do índice, associada a preços rígidos e indexados e também aos efeitos do processo de crescimento sobre a demanda.

Para Monteiro Neto, há necessidade de ações coordenadas na política econômica, e não apenas na política monetária, com o objetivo de adequar o ritmo da demanda global à oferta pela via da adequação dos gastos públicos, que "aumentaram de forma expressiva em 2004", enfatizou.



Indicador industrial registra vendas elevadas

EMPRESÁRIOS COM PÉ NO СHñО

Mesmo com a margem de lucro reduzida, as empresas não diminuíram a produção e os indicadores de empresários goianos otimistas em relação à economia brasileira subiram de 58,3 pontos, no primeiro trimestre de 2004, para 64,5 pontos, no último, apontou a pesquisa da Fieg.

No âmbito nacional, a manutenção do Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) no mesmo nível de 2004 sugere a continuidade do ritmo de crescimento da economia. A pesquisa mostra que o indicador subiu ligeiramente em janeiro, em parte devido a efeitos sazonais.

"De modo geral, os empresários são mais otimistas no início do ano. Adicionalmente, o efeito da retomada do nível de atividade vem, só agora, atingindo de maneira mais significativa as pequenas e médias empresas. Consequentemente, a confiança dos empresários desse porte de empresa continuou crescendo, enquanto a dos dirigentes das empresas de grande porte já mostra sinais de queda", aponta o estudo divulgado em janeiro pela CNI.

No caso da produção, os indicadores passaram de 53,1 pontos no primeiro semestre de 2004, para 62,5. Na opinião do presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, isso demonstra que, embora os empresários estejam mais cautelosos, eles também aumentaram seu nível de profissionalização e buscam consolidar suas atividades.

Condições atuais	2004 Trimestre						
	1°	2°	3°	4°			
Economia	40,4	52,4	57, 8	58,8			
Setor	43,9	49,6	52,7	50,7			
Empresa	49,3	55, 2	58,1	53 , 5			

Valores acima de 50 pontos devem ser considerados positivos

Fonte: Fieq/IEL

TUDO AMARRADO

O esforço para manter a expansão ocorrida em 2004 pode ser constatado na pesquisa de intenção de investimentos, realizada pela Fieg entre os dias 15 de novembro e 15 de dezembro do ano passado. Segundo ela, 67,92% dos empresários goianos informaram ser adequada a capacidade produtiva atual de seus estabelecimentos em relação à demanda esperada para 2005. A intenção de manter o crescimento da produção é visível principalmente entre as pequenas e médias empresas.

O crescimento do setor industrial, porém, estará ameaçado caso o governo federal não promova a reforma tributária, alerta o presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás (Sinvest). Roberto Guimarães Mendes. "Nossas empresas estão expandindo seus negócios e aumentando sua capacidade. Mas com a atual carga tributária, elas não sobreviverão se deixarem de ser enquadradas no Simples (Sistema Integrado de Pagamento de Impostos e Contribuições das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte)", alerta Mendes.

O Sinvest é composto por 2.071 filiados e pelo menos 80% são micro e pequenas empresas. O segmento destaca-se por ser um dos que mais empregam mão-de-obra na indústria goiana.

As empresas ligadas ao Sindicato das Indústrias de Alimentação (Siaeg) também vêem na reforma tributária ponto fundamental para o desenvolvimento industrial brasileiro. "Se a carga de impostos que incide sobre as empresas não for revista, jamais teremos crescimento estável e satisfatório", diz Sandro Mabel, presidente do Siaeg.

Empregar mais é dilema

A aceleração do ritmo das atividades industriais em 2004 levou diversas empresas do segmento a ampliar seus postos de trabalho. Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), enquanto em 2003 foram criadas 20.779 novas vagas em Goiás, em 2004 esse número saltou para 37.253, o que representa aumento de 79,28%.

"Fatores como o superávit da balança comercial e a queda da taxa de juros, no primeiro semestre, promoveram a expansão do número de pessoas empregadas na indústria", explica o economista da Coordenação Técnica da Fieg Cláudio Henrique de Oliveira.

Conforme Sandro Mabel, presidente do Sindicato das Indústrias de

Alimentação no Estado de Goiás (Siaeg), as empresas do setor elevaram suas contratações entre 15% e 20%, em 2004. Já o presidente do Sindicato das

Indústrias de Calcário, Cal e Derivados (Sininceg), Raimundo Viana Du-

tra, diz que o número de postos de trabalho aumentou 10% no segmento. Entre as empresas do Sindicato das Indústrias do Vestuário (Sinvest),

> o aumento do número de contratações foi de cerca de 20%.

O desafio agora, segundo o presidente do Sinvest, Roberto Guimarães Mendes, é manter o quadro atual de empregados. "Depois do último aumento do salário mínimo.

não sei se teremos condição de arcar com tanta despesa", diz. No segmento das indústrias de alimentos, a situação também é de indefinição. De acordo com Mabel, há empresas que chegaram a dispensar os funcionários durante o período do carnaval, pois a demanda de trabalho está menor do que o esperado.

"Desde 2003, nossa capacidade instalada não estava sendo utilizada na totalidade. No ano passado, acabamos com essa ociosidade e passamos a dispor de todo o nosso potencial. Com isso, tivemos um aumento do número de empregados e da produção. Agora, estamos num impasse", diz Mabel. Para elevar a produção, o setor teria de fazer novos investimentos, pois já chegou ao nível máximo de uso de sua capacidade instalada. E, para fazer novos investimentos, o cenário econômico precisa ser favorável, o que, na opinião do empresariado, não foi o caso nos últimos três meses.



Indústria de alimentos é impulsionada pelos bons resultados do agronegócio em 2004

O alto custo da produção

Entre os maiores entraves apontados pelos empresários para o crescimento da atividade industrial em 2005 estão a inadimplência, a alta carga tributária e a dificuldade para liberação de financiamentos. No caso da inadimplência, por exemplo, o presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás (Sinvest), Roberto Guimarães Mendes, diz que se os índices permanecerem iguais ou mais altos que os do ano passado, as indústrias do ramo terão sérios prejuízos. "Muitas poderão até mesmo fechar as portas, pois a maioria é de micro e pequeno porte", diz.

Dados do Sinvest dão conta de que o índice de inadimplência chegou a 17,8% em 2001, depois caiu gradativamente, com 12% em 2002 e 8% em 2003. Mas em 2004 o índice subiu para 14%.

Outro entrave para o crescimento em 2005, na opinião de Mendes, é a alta carga tributária. O presidente do Siaeg, Sandro Mabel, acrescenta as más condições das vias de transporte no País. "Para aumentar as exportações em 2004, as indústrias tiveram que superar diversos problemas de logística. As estradas estão malconservadas e os portos não estão preparados para o embarque de tantas mercadorias. As empresas tiveram dificuldade até para encontrar contêneires", relata.

Já para o presidente do Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados (Sininceg), Raimundo Viana Dutra, o maior entrave para a expansão das atividades no segmento de calcário é a

demora do governo em conceder crédito aos agricultores. O sindicato é um bom termômetro das dificuldades e dos êxitos vivenciados pelo setor agrícola, pois tem suas vendas atreladas à intenção de plantio dos agricultores.

No ano passado, o setor teve incremento na produção e nas vendas de 10%. Para manter o mesmo ritmo este ano, Dutra alerta que os financiamentos precisam ser liberados até julho, no máximo. "Assim os agricultores têm tempo de comprar e utilizar o insumo", justifica. "Se esses créditos demorarem a sair, poderemos computar quedas de 30% a 50% no nosso faturamento", diz.

Apesar de acreditar que a produção crescerá em torno de 4% em 2005, o presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, insiste: "Para não interromper o crescimento industrial obtido no ano passado, é preciso baixar os juros, fazer uma reforma tributária e investir em infra-estrutura", afirma ele, ao enumerar as ações tidas como prioritárias pela Federação para este ano: a aprovação e implementação das parcerias público-privadas, a construção da Ferrovia Norte-Sul e a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco).

INVESTIMENTO MENOS ONEROSO

Em entrevista concedida no mês de ianeiro à revista Indústria Brasileira. da CNI, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva reconheceu que é de fundamental importância promover a desoneração tributária do investimento, para

reduzir os custos dos financiamentos, e alegou que o governo tem tomado diversas medidas nesse sentido. "Em relação aos bens de capital sem similar nacional, o imposto de importação foi reduzido para 2% – uma diminuição significativa, já que antes ia de 14% para 4%. E pode chegar a 0% para os produtos que considerarmos estratégicos à Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior (PITCE). Essa desoneração já alcançou mais de 1.500 produtos nas áreas de bens de capital, informática e telecomunicações", informou o presidente.

Lula também disse que outras iniciativas importantes estão contempladas no Programa Invista Já, uma sugestão dos empresários feita no Conselho Nacional do Desenvolvimento Industrial, acatada pelo governo. Um dos itens da proposta é a depreciação acelerada dos bens de capital adquiridos a partir de outubro de 2004 até o final do próximo ano. Essa depreciação será deduzida da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e o prazo de depreciação desses bens será reduzido de dez para quatro anos, explicou o presidente.

> Programa do governo para desonerar a produção abrange atualmente 1.500 produtos

Otimismo: a chama ainda está acesa

Apesar das dificuldades inerentes ao cenário econômico, a pesquisa Sondagem Industrial da Fieg indica que a maioria dos empresários continua confiante no crescimento do País e de seus negócios. O indicador para as expectativas com relação à economia é de 64,5 pontos entre as indústrias goianas. Sobre seus ramos de atividade, os indicadores estão na casa dos 65,5 pontos. O mesmo acontece com o indicador para as expectativas sobre o próprio negócio, aferido em 71,3 pontos.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a indústria nacional fechou 2004 com índice de crescimento de 8,3%, o maior dos últimos 18 anos. O saldo no período de 2000 a 2004 é de 20,6%. A última vez em que a indústria engatou um ciclo de crescimento foi no período de 1993 a 1997, registrando avanço de 22,3%. Nacionalmente, os segmentos líde-

res da expansão no ano passado foram os de bens de consumo duráveis (automóveis, fogões e geladeiras), com crescimento de 21,8%, e de bens de capital (máquinas e equipamentos), com índice de 19,7%.





CENTERCOM

O SUPERMERCADO DO AÇO

- VERGALHÕES BELGO 50 · VERGALHÕES BELGO 60 · PREGOS
 FERROS CHATOS · FERROS MECÂNICOS · FERROS QUADRADOS
- VIGAS LAMINADAS TELAS DE AÇO SOLDADAS ARAMES PERFIS
- BARRAS TRELIÇAS BARRAS DE TRANSFERÊNCIA CHAPAS
- TUBOS INDUSTRIAIS E DE CONDUÇÃO PRODUTOS AGROPECUÁRIOS





Tel.: (62) 236-2828



Até onde chega a competitividade

Parceria entre a Fieg e órgãos de preservação ambiental proporciona às empresas implementar sistema de gestão adequado e moderno, que resulta em produção mais limpa

velho ditado "a união faz a força" é válido no caso da campanha pela preservação e otimização dos recursos ambientais em Goiás. A parceria firmada entre a Federação das Indústrias (Fieg) e a Agência Ambiental tem conseguido levar informações aos empresários e realizar trabalho mais educativo e menos punitivo nessa área.

Entre as ações conjuntas destacamse os programas de implementação de sistemas de gestão ambiental e produção mais limpa. A iniciativa teve início no segundo semestre de 2004, quando um instrutor do Senai de São Paulo veio a Goiânia ministrar curso para formar consultores na área. A primeira turma, com 23 pessoas, contou com técnicos da Fieg, da Semarh, da Agência Ambiental e do Senai, além de representantes das indústrias goianas Centercouros, Imol, Halex Istar, Granol, e Plastimax. A programação incluiu diretrizes para elaboração do diagnóstico preliminar nas empresas, gerenciamento de resíduos, identificação dos indicadores ambientais e sistema de gestão ambiental.

DIFUSÃO DE INFORMA fÕES Os bons resultados dessa inici-

ativa fizeram com que o projeto de parceria resultasse na assinatura



Empresários e governo buscam harmonizar produção com preservação ambiental

de um convênio, dia 16 de fevereiro último, buscando disseminar de forma ampla a iniciativa em todo o Estado. A meta é formar 20 mil pessoas, aproximadamente. Por meio de cursos, oficinas e workshops elas serão capacitadas a implantar um sistema de gestão ambiental, inclusive com vistas a obter a certificação ISO 14000.

"As empresas terão subsídios técnicos para trabalhar questões como emissão de gases e resíduos sólidos, estabelecendo indicadores ambientais. "Acreditamos que esse é o caminho para sensibilizar as empresas, já que muitas não se adequam às

normas ambientais por falta de conhecimento", explica Elaine Farinelli, assessora técnica da Fieg na área ambiental. Segundo ela, o poder público geralmente desconhece a realidade das indústrias e exige a adoção de procedimentos que não podem ser implementados no curto prazo. "Dependendo do processo produtivo, é preciso um período de tempo para que a empresa possa fazer as adequações necessárias. Muitas vezes, a não-adoção das medidas nada tem a ver com falta de disposição, mas com a ausência de recursos técnicos e de infra-estrutura", disse ela.■

MARCA EMPRESARIAL MÁRGARA MORAIS

EL\ É HOMENAGEADA

A cantora e compositora goiana Ely Camargo (foto) foi uma das homenageadas pelo Senado, durante as solenidades em comemoração ao 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Ely Camargo é uma das principais pesquisadoras e intérpretes do folclore brasileiro, particularmente de Goiás. Filha do vilaboense, também compositor e maestro Joaquim Edison Camargo, Ely tem conseguido resgatar algumas "jóias" do regionalismo goiano. É de sua autoria a música O Menino e o Circo, que ficou conhecida nas vozes de Cascatinha e Inhana, gravação que está presente na 15ª faixa do CD Meio Século de Música Sertaneja - Volume 2, da gravadora BMG. No final dos anos 90, a cantora passou a trabalhar na Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia. Seu trabalho mais recente é o disco-tributo Lembranças de Goyaz, que Ely gravou em homenagem ao pai.



CENTERCOM CONQUISTA ISO 9001

A empresa Centercom, em Goiânia, credenciada da Rede Belgo de Distribuição, acaba de conquistar a certificação ISO 9001-2000, pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), em toda a linha de produtos de corte e dobra de aço. Quem ganha com mais essa chancela de qualidade são os segmentos da construção civil, indústria e agropecuária, que integram o rol de clientes da empresa.

RESPONSABILIDADE CORPORATIVA EM ALTA

Segundo estudo publicado em janeiro pela Oracle Corporation e pela Economist Intelligence Unit (braço de informações de negócios do The Economist Group, que edita a revista *The Economist*), 85% dos executivos e investidores classificam a responsabilidade corporativa como preocupação central em suas decisões de investimentos. Esse resultado é quase o dobro do porcentual identificado há cinco anos. Foram entrevistados 136 executivos de diversos setores e 65 investidores. Eles apontaram três aspectos críticos da responsabilidade corporativa: comportamento ético dos profissionais, boa governança corporativa e transparência nas negociações. Para os investidores institucionais, a transparência nas negociações corporativas foi ainda mais importante.



TODO MUNDO EM FORMA

O Sesi acaba de inaugurar completa academia de ginástica, no Jardim Planalto. Equipada com aparelhos modernos e contando com instrutores capacitados na área de educação física, a nova academia agradou em cheio aos adeptos da malhação.

SUBSOLO RICO

O potencial mineral de Goiás é grande. O Estado é o maior produtor de amianto-crisotila da América do Sul; o primeiro, nacionalmente, em níquel e cobalto; o segundo em fosfato, nióbio e vermiculita; o quarto maior produtor de ouro. Essas posições consolidam Goiás como o terceiro Estado que mais produz minerais no Brasil.

Curtição em família

Pedro Alves de Oliveira, vice-presidente da Fieg, foi um dos que comemoraram em grande estilo a passagem do Dia Internacional da Mulher, em clima de alegria e descontração ao lado de Sueli e das filhas Fernanda, à esquerda, e Renata, à direita



DINHEIRO JOGADO FORA

Vários trechos da duplicação da BR-153, principalmente após Abadiânia, foram levados pelas chuvas. As obras estão paradas por imposição do Tribunal de Contas da União (TCU), que constatou irregularidades no processo de licitação. Nesse vai-e-vem já se foram praticamente três anos. Enquanto isso, os recursos investidos foram para o ralo, acidentes continuam a acontecer e o tempo da viagem é maior. Até quando? Sabe Deus!

ESPORTE GANHA ADEPTOS

De abril a novembro, a Agência Goiana de Esporte e Lazer (Agel) realiza os Jogos Abertos de Goiás. O evento está em sua sexta edição e objetiva promover o esporte amador. Para tanto, envolve os 246 municípios goianos e proporciona aos participantes 11 tipos de modalidades esportivas. A iniciativa é do governo Marconi Perillo e merece aplausos, tamanha a importância que tem entre a comunidade jovem. Para tocar um projeto dessa envegadura, o governador escolheu a pessoa certa: César Sebba, um atleta que dedicou grande parte de sua vida ao basquete, defendo Goiás em quadras do Brasil inteiro.



VINDO DOS PARLAMENTARES

O deputado Fernando Netto, líder da bancada do PMDB na Assembléia Legislativa, e a senadora Lúcia Vânia (PSDB), cumprimentaram a Fieg pela publicação da Goiás Industrial. O deputado classificou a revista como "excelente trabalho de informação e divulgação das potencialidades das empresas goianas no cenário nacional".

PPP aprovada, mas ainda no papel

Ministério dos Transportes prioriza para este ano investimentos na malha rodoviária federal e concentra esforços na aplicação das parcerias público-privadas

governo federal traçou como prioridades para 2005 a intensificação dos investimentos em infra-estrutura e a implantação do sistema de Parceria Público-Privada (PPP). Durante reunião na Confederação Nacional da Indústria (CNI), dia 16 de fevereiro, o secretário-executivo do Ministério dos Transportes, Paulo Sérgio de Oliveira Passos, anunciou que serão ampliados os recursos para o setor de infra-estrutura – no ano passado, foram R\$ 2 bilhões e para 2005 o orçamento prevê R\$ 6 bilhões, aproximadamente. A destinação da maior parte dessa verba vai para a recuperação, manutenção e duplicação das rodovias brasileiras.

Levantamento feito pelo Ministério dos Transportes detectou que apenas 28,3% da malha viária do País está em boas condições, enquanto a maioria (40,8%) encontra-se em estado ruim e 30,9%, regular. Os maiores problemas se concentram na infra-estrutura degradada, com deterioração das condições operacionais; insuficiência de capacidade nas regiões desenvolvidas e extensão inadequada da malha nas regiões com potencial de desenvolvimento.

No caso das ferrovias, as principais deficiências são: a idade média elevada das linhas, a malha pouco extensa para o atendimento da demanda, a integração operacional deficiente entre os concessionários e a perda de espaço nos centros urbanos. "A situação é extremamente preocupante, pois indica que as vias de escoamento da produção brasileira não conseguem cumprir sua função e dificultam o desenvolvimento econômico do País", explicou o pre-

sidente do Conselho Temático de Infra-estrutura (Coinfra) da Fieg, José Rodrigues Peixoto.

CARRO EMPERRADO

O projeto de parcerias é apontado pelo Ministério dos Transportes como importante alternativa – senão a principal – à falta de recursos para as obras públicas. Entre as obras sob análise do ministério para a inclusão no sistema das PPP's estão a Ferrovia Norte-Sul, o Ferroanel de São Paulo, a Variante Ferroviária Guarapuava-Ipiranga (PR), o Arco Rodoviário do Rio de Janeiro e a BR–116 (Rio–Bahia).

Embora a Lei das Parcerias Público-Privadas tenha sido aprovada em dezembro do ano passado pelo Congresso Nacional e esteja entre as prio-



Rodovias são prioridade nos investimentos do governo federal

ridades do governo federal para este ano, o Ministério do Planejamento—responsável pelo grupo de trabalho que definirá as regras dos contratos e as suas garantias — não tem previsão de quando enviará a proposta de decreto presidencial para a Casa Civil.

Durante entrevista concedida à revista Indústria Brasileira, da CNI, edição de fevereiro, o presidente da Associação Brasileira de Infra-Estrutura e da Indústria de Base (Abdib), Paulo Godoy, alerta que se o governo não for ágil, nenhum projeto será iniciado neste ano. Segundo ele, não se pode esperar que as PPPs sejam a salvação do País, porque ainda é preciso definir os marcos regulatórios de saneamento, petróleo e gás natural e transportes, diz Godoy.

Todos contra a MP 232

Possibilidade de aumento da carga tributária preocupa empresários, que recorrem aos parlamentares para que vetem a matéria

Parlamentares da bancada federal goiana compareceram em peso ao encontro de negócios promovido dia 31 de janeiro último, pelo

Fórum das Entidades Empresariais de Goiás, na Casa da Indústria. Integram o fórum os presidentes da Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas do Estado de Goiás (FCDL), Federação do Comércio do Estado de Goiás (Fecomércio), Federação da Agricultura do Estado de Goiás (Faeg), Associação Comercial e Industrial do Estado de Goiás (Acieg), Associação Pró-Desenvolvi-

mento Industrial do Estado de Goiás (Adial), Federação das Associações Comerciais, Industriais e Agropecuárias do Estado de Goiás (Facieg) e Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg).

Os 11 deputados federais e os 3 senadores presentes se comprometeram a agir contra os itens da Medida

valece a idéia de manter a correção da tabela do Imposto de Renda e modificar os demais artigos que implicam em elevação de tributos.

Todos, anfitriões e convidados, concordaram que aumentar a carga tributária é fato inadmissível. A MP 232, segundo os empresários, trará mais burocracia ao processo tributário, além de restringir o direito de defesa do contribuinte. "Estamos convencidos de que, a essa altura, o Congresso Nacional é a única instituição capaz de aprimorar a medida, evitando, assim, os prejuízos irreparáveis que sua aplicação, do modo em que

se encontra, acarretaria às atividades econômicas no País", disse o presidente da Federação das Indústrias, Paulo Afonso Ferreira.



Reunião sela compromisso de todos na luta contra m edida governamental

Provisória (MP) nº 232, de 31 de dezembro de 2004, que aumentam a carga tributária das empresas prestadoras de serviços. Entre os presentes, pre-





LUBRIFICANTES QUE PROPORCIONAM QUALIDADE, SEGURANÇA E RENTABILIDADE ÀS INDÚSTRAS DE ALIMENTOS, BEBIDAS, COSMÉTICAS E FARMACÊUTICAS.

- Homologados pelos órgãos regulamentadores de saúde;
- Elaborados com materias-primas especialmente selecionadas:
- Isentos de cor, odor e sabor;
- Fisiogicamente neutros;
- Podem ter contato acidental com alimentos.

CHEMLUB PRODUTOS QUÍMICOS LTDA.

Fone: 19 3881-2400 // Fax: 19 3881-1215

e-mail: chemlub@chemlub.com.br website: www.chemlub.com.br

ONU e Instituto Ethos apóiam congresso

Aproximadamente 600 congressistas participaram em Goiânia do 3º Congresso de Responsabilidade Social Empresarial e Terceiro Setor; um dos mais importantes da área

ostrar aos empresários que desenvolvimento social e econômico podem andar juntos foi o objetivo do 3º Congresso de Responsabilidade Social Empresarial e Terceiro Setor, que aconteceu nos dias 10, 11 e 12 de março, no Centro de Convenções de Goiânia. A realização do evento ficou a cargo da Fundação Aroeira, que contou com parceria do Conselho Temático de Responsabilidade Social (CTRS) da Fieg e apoio da Organização das Nações Unidas (ONU), Instituto Ethos, Organização Jaime Câmara, Sebrae, Universidade Católica e governo do Estado.

O tema do evento foi "Empresas, organizações sociais e governos juntos pelo desenvolvimento sustentável". O governador Marconi Perillo abriu o congresso e abordou a questão da inclusão social. Em seguida, aconteceu o ciclo de palestras do primeiro dia. Uma das exposições que atraiu grande atenção do público foi a do assessor da Presidência da República, André Spitz, que preside o Comitê de Combate à Fome, e que falou das possibilidades de parceria entre governo federal, empresas e instituições



sociais no âmbito da responsabilidade social. Também teve destaque a palestra do presidente do Instituto C&A, Paulo Castro, que abordou o papel das organizações do terceiro setor e a importância das parcerias".

Durante o evento foi assinado termo de parceria entre a Fieg e o Instituto Ethos com o objetivo de disseminar práticas de responsabilidade social nas empresas. Segundo o presidente do CTRS, Antônio de Sousa Almeida, essa parceria é muito importante. "Estaremos recebendo informações de um órgão de grande credibilidade e experiência nessa área, que nos ajudará a conduzir melhor nossos projetos sociais", disse.

CONSCIÎNCIA E A f ñ O

Segundo Antônio Almeida, os empresários goianos estão mais sensibilizados para a questão da responsabilidade social e a participação deles foi um dos pontos que contribuiu para o sucesso do evento. O coordenador do congresso, Rommel Senna, acrescentou: "Há quatro anos, quando chegávamos numa empresa para falar de responsabilidade social, sequer éramos recebidos. Hoje, os empresários não apenas nos atendem bem, como nos procuram por iniciativa própria", disse.

Conforme Rommel Senna, o congresso conseguiu mostrar aos empresários que o conceito de desenvolvimento sustentável não se restringe aos assuntos afetos ao meio ambiente. "A idéia de crescimento com sustentabilidade é muito maior do que se imagina". Além de financiar projetos sociais, os palestrantes conclamaram os empresários a participarem da elaboração dessas iniciativas.

Paralelo ao congresso aconteceu a 1ª Mais Social – Feira de iniciativas sociais empresariais, governamentais e não-governamentais. Mais de 2 mil pessoas circularam pelos stands buscando conhecer os projetos desenvolvidos nessa área.

Pequenos querem exportar

Vender para o mercado externo é a vontade de inúmeras empresas. Técnicos das federações de indústria de todo o País têm a missão de ajudá-las nessa empreitada

Ajudar a inserir as pequenas e médias empresas no comércio internacional. Esse é o desafio dos 45 profissionais dos Centros Internacionais de Negócios (CINs) das federações de indústria do País, que participaram em março, em Brasília, do encontro Capacitação de Operadores Brasileiros, realizado pelo Eurocentro, Instituto Euvaldo Lodi (IEL) Brasil, em parceria com o programa AL-Invest. A idéia é consolidar conhecimentos sobre mecanismos de apoio à internacionalização das empresas. A Federação das Indústrias de Goiás (Fieg) foi representada pelo presidente do Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais, Ronaldo Sales.

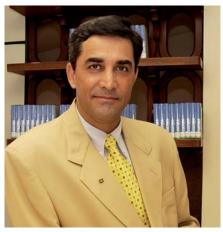
O AL-Invest foi criado em 1993. para promover o intercâmbio e a cooperação entre as pequenas e médias empresas da América Latina e da Europa, reforçando as relações econômicas, comerciais e tecnológicas entre

elas, por meio de encontros setoriais, organizados por uma rede de agentes. Essa rede é constituída na Europa pelos Centros de Cooperação Econômica (Coopecos) e, na América Latina, pelos Eurocentros de Cooperação Empresarial.

Em todo o Brasil, há cerca de 19 mil empresas que atuam no mercado externo. Desse total, mil concentram praticamente 80% das exportações. Conforme Ronaldo Sales, as pequenas e médias empresas goianas possuem grande potencial exportador. "No entanto, elas precisam se preparar para atender às exigências do mercado europeu, sobretudo no que se refere à questão da qualidade dos produtos", disse.

Um dos problemas enfrentados pelas empresas menores é que elas não conseguem produzir conforme a demanda solicitada. As encomendas são grandes, mas a capacidade de produção ainda é pequena. Uma solução,

apresentada durante o evento, é a formação de consórcios de exportação. "Várias empresas do ramo se unem, cada uma se responsabiliza por uma determinada etapa da produção, e o pedido do cliente é atendido na data marcada e com a qualidade exigida. Queremos amadurecer essa idéia e implantá-la futuramente em Goiás", disse Ronaldo Sales.



Sales incentiva consórcio entre empresas

MERCOSUL: VENDAS EM QUEDA

Em dezembro último, a Federação das Indústrias de Minas Gerais (Fiemg) e o Ministério das Relações Exteriores promoveram o 1º Fórum Empresarial do Mercosul, que contou com participação de cerca de 300 empresários. A data marcou os dez anos da assinatura da Carta de Ouro Preto – que instituiu o Acordo de Livre Comércio do Cone Sul (Mercosul). O objetivo do evento foi intensificar as relações comerciais entre os países do bloco. Alguns números referentes à exportação mostram quadro preocupante. Em 1998, o saldo do comércio entre o Brasil e os outros países da América do Sul foi de US\$ 23,7 bilhões, representando 21,8% das negociações totais. Em 2002, caiu para US\$ 15 bilhões, representando apenas 14%. Em 2003, apesar de ligeira elevação para US\$ 17,8 bilhões, o porcentual caiu para 13%.



Mesa boa e barata

Projeto desenvolvido pelo Sesi em todo o País muda hábitos alimentares do brasileiro e melhora o cardápio com opções nutritivas e de baixo custo

mplantado em dezembro último no Sesi de Aparecida de Goiânia, o projeto Cozinha Brasil, que tem por objetivo melhorar a qualidade de vida da população de baixa renda, com uma alimentação barata e de alto valor nutricional, chegou para ficar. A meta é preparar pessoas como donas-

de-casa, fornecedores, lideranças de bairro, para atuar como multiplicadores na população, no processo de educação alimentar. O conteúdo da aprendizagem aborda os alimentos desde o plantio, no campo, até a mesa, passando por toda a cadeia alimentar.

Com duração de cinco dias e

duas horas de aula diariamente, os cursos são ministrados na unidade móvel do Sesi, equipada para esse tipo de atividade, e que percorrerá vários municípios do Estado. A programação é desenvolvida com base em receitas simples e práticas, de doce e sal, que aproveitam praticamente tudo dos alimentos,

como mostra a propaganda institucional do projeto, veiculada na televisão, com o título.

O projeto Cozinha Brasil não se limita a dar receitas, mas ensina as pessoas a tirar partido da alimentação para ter uma vida saudável. É distribuída aos alunos uma apostila com 250 receitas e instruções sobre todas as etapas do processo alimentar. As pessoas são orientadas a usar alimentos da estação, a planejar a compra, a reconhecer os produtos próprios para o consumo e a comprar bem com pouco dinheiro. Os alunos aprendem a elaborar um cardápio equilibrado e a manipular corretamente os ingredientes. São ainda informados sobre os grupos de alimentos e o papel de cada na composição de uma refeição de alto valor nutricional.

A apostila traz receitas ilustradas para facilitar o preparo dos pratos e discrimina o preço de cada um (com base em levantamento feito em outubro de 2003), o valor calórico da porção, o rendimento e o tempo de preparo de cada receita. Tem ainda uma sugestão de cardápio semanal completo, com café da manhã, almoço e jantar.

Segundo a coordenadora dos trabalhos em Goiás. Eliane Cândido, o projeto contará com a participação de três nutricionistas, que vão abordar desde a higienização ao preparo dos alimentos, passando por toda a cadeia alimentar. Uma delas, Marianne Falco, destaca que, além da redução dos custos no orçamento doméstico, o projeto propõe incentivar a mudança de estilo de vida por meio da reeducação dos hábitos



Receitas simples, mas de alto valor nutricional, chamam a atenção dos alunos

alimentares. "As receitas exploram os alimentos em sua totalidade, garantindo ao indivíduo alimentação equilibrada, rica em fibras, vitaminas e sais minerais, que previnem contra doenças crônico-digestivas, como a obesidade, diabetes e hipertensão arterial", explica a nutricionista.

ZERANDO A FOME

Dado o elenco de facilidades que proporciona na elaboração de uma refeição adequada à saúde e a economia significativa que traz às finanças das famílias, o Cozinha Brasil vem ganhando adeptos. O projeto é uma iniciativa do Sesi Nacional que soma esforços ao Fome Zero e está sendo realizado em vários Estados. Em Goiás, já tem curso programado para

acontecer até outubro. A meta é preparar, este ano, 3.520 donas de casa, entre elas cerca de 710 multiplicadores. Os cursos são ministrados nos três períodos, pela manhã, à tarde e à noite.

A unidade móvel do Sesi percorrerá as cidades oferecendo gratuitamente aulas práticas e cursos de educação alimentar. Empresas, escolas, sindicatos, prefeituras e demais segmentos organizados da sociedade são parceiros e dividem com o Sesi os custos do empreendimento. Cabe aos parceiros oferecer o apoio logístico necessário ao desenvolvimento da programação, no local onde for solicitada a presença do Cozinha Brasil. Mais informações podem ser obtidas pelo fone (62) 219-1307.

Estréia com sucesso

Alunos do Sesi que concluíram o ensino médio conseguem passar no vestibular e se tornam referência para a escola, que este ano recebeu número recorde de inscrições

a primeira turma de formandos do ensino médio do Sesi foram certificados 95 alunos, em dezembro último. Catorze deles garantiram ingresso na universidade e dez conseguiram aprovação na primeira fase do vestibular. Os resultados positivos levaram a instituição a reprogramar suas atividades para poder receber 542 matrículas este ano.

Entre os diplomados, Pedro Henrique Pinheiro Gontijo chamou atenção pela alegria de ter conseguido passar no vestibular para Direito em duas faculdades goianas. Desde o ensino fundamental ele estuda no Sesi de Campinas e considera muito bom o nível da escola. "Vimos no dia-a-dia a preocupação dos professores com o ensino e em formar cidadãos interagidos com a sociedade. Estou muito grato", disse.

Alessandra Alves da Silva Araújo, futura acadêmica de administração de empresas, estava cheia de planos para o futuro próximo: "Agora, com esse passo, estarei mais bem preparada para entrar no mercado de trabalho". Sobre a metodologia de trabalho da escola, ela disse que as turmas são motivadas a participar de diferentes iniciativas na busca de conhecimento e experiência.

Cristhiane Bailão Silva Araújo, outra a conquistar uma vaga na universidade, no curso de educação física, também teceu elogios à instituição pelo programa de ensino e também pelo nível do corpo docente. Aulas contam

com recursos de

aprendizagem

modernos que

ajudam alunos

a ampliarem

conhecimentos

A professora de inglês Zilma Cabral de Assis disse que os cursos do Sesi estão no mesmo patamar de qualidade dos demais ministrados em Goiânia. Segundo ela, a aplicação de testes simulados, uso de vídeo e palestras proferidas por autoridades nas áreas de cultura, saúde, cidadania e meio ambiente são importantes ferramentas de trabalho utilizadas durante as aulas. As escolas do Sesi contam com laboratórios de informática e biblioteca.

De acordo com o professor de história André Luís Almeida Barbosa os alunos pertencem a diferentes classes sociais, e não é raro aqueles de famílias economicamente mais bem favorecidas elogiarem a escola. "Ouvimos também de colegas que trabalham em cursinhos da rede particular, comentários positivos sobre o trabalho que é realizado aqui", afirmou.



Sesi de Campinas forma primeira turma do ensino médio e comemora resultados

Serviço encurta distância

Equipada com aparelhagem moderna, a unidade móvel do Sesi inova na prestação de serviços de saúde. O atendimento é rápido e prestado no próprio local de trabalho

Im novo tipo de atendimento, lançado no início deste ano pelo Sesi, vem ao encontro das necessidades das empresas. Trata-se de unidade móvel de saúde, equipada com consultório e aparelhos modernos para a realização de exames médicos ocupacionais, além de uma cabina completa para teste de audiometria (ruídos). A funcionalidade no atendimento deverá ser preponderante para que as empresas consigam reduzir acidentes e doenças advindos do trabalho.

Além de o serviço ter um custo acessível, as empresas poderão optar por pacotes com preços e formas diferentes de atendimento, que pode ser feito individualmente ou em grupo (a equipe tem condições de atender cerca de 50 pessoas num só dia). A expectativa é atender aproximadamente 7 mil trabalhadores em 2005. O trabalho é desenvolvido com base em ações preventivas nas áreas de saú-

de, segurança e meio ambiente, bem ao perfil e necessidades da empresa.

Cliente do Sesi, a Nestlé esboça resultados práticos satisfatórios com o serviço. Segundo Cléverson Borges Novais, gerente da fábrica de Goiânia, a empresa é rígida na observância

de medidas de saúde e segurança, e só no ano passado a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa) coordenou 203 ações dessa natureza.

Com unidades em outros países, a filial goiana é uma das mais bem vistas pelo grupo, face aos bons exemplos que dá, e que começam pela indicação logo

> na entrada da fábrica: "1.541 dias sem nenhum acidente". José Reinaldo, funcionário da empresa há 17 anos, diz que os exames feitos na unidade móvel ganham pela facilidade de acesso, rapidez, conforto e pela atenção dada pela equipe.



Consultório completo sobre rodas facilita o atendimento ao trabalhador

sunto audiometria deve merecer a atenção das empresas, dada a relevância que tem. No ambiente de trabalho, o nível de som, barulho e ruídos pode ser medido e monitorado. Segundo o médico, os efeitos do bar

RUÝDO SOB CONTROLE

A médica do trabalho Roseane

Fernandes Azeredo lembra que o as-

rulho em excesso causam estresse, traduzido por alterações físicas, psíquicas e emocionais.

São também evidentes as conseqüências da má audição sobre o rendimento no trabalho. "Nos países desenvolvidos, nenhuma fábrica pode ter som acima de 85 decibéis. Quando esse nível é extrapolado, os trabalhadores passam a usar protetores auriculares. Se o ruído chegar aos 90 decibéis são tomadas medidas para diminuí-lo, e o uso dos protetores de ouvidos é obrigatório", diz o médico.





Exames evitam doenças laborais frequentes no trabalho

MEC autoriza novos cursos

A realização do vestibular para os cursos de tecnologia em automação industrial e redes de computadores chancela a entrada definitiva do Senai no ensino superior



Área de automação industrial ganha curso superior no Senai, cujo trabalho é classificado com conceito A pelo MEC

Senai Goiás inicia em março mais dois cursos superiores autorizados pelo Ministério da Educação (MEC): graduação tecnológica em automação industrial e redes de computadores, ambos em Goiânia. A instituição, ligada à Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), já atua no ensino superior desde o ano passado, com o curso de graduação em química fármaco-industrial, criado para atender principalmente às necessidades do pólo farmacêutico do Distrito Agroindustrial de Anápolis.

Todos os cursos foram aprovados pelo MEC com conceito A. "O credenciamento de três das oito unidades do Senai no Estado como faculdades de tecnologia premia o esforço da instituição em atender às exigências do setor produtivo", diz o diretor regional, Paulo Vargas. Ele explica, no entanto, que o Senai não deixará de ministrar os cursos de aprendizagem industrial, qualificação profissional, aperfeiçoamento e habilitação técnica.

EM DIA COM O MERCADO

A estratégia de oferecer graduação tecnológica segue também orientação do Sistema Senai em nível nacional para ampliação do atendimento em toda sua rede de ensino no País.

Com o curso de automação industrial, a instituição busca suprir carência de profissionais para atuar com sistemas automatizados, que têm presença cada vez mais intensa nas indústrias goianas. O tecnólogo em automação industrial – nome do profissional formado – estará apto a trabalhar em vários segmentos industriais, como siderúrgico, têxtil, metalmecânico, mineração, plástico, alimentos, agroindústria e moveleiro.

Já o tecnólogo em redes de computadores é o profissional capacitado a desenvolver atividades técnicas, científicas e de gestão, capaz de projetar e administrar redes e de configurar e gerir serviços de rede. A atuação abrangerá empresas provedoras de acesso à internet, de jogos eletrônicos, de manutenção, prestadoras de serviços, escolas e instituições públicas.

Disputa é grande por vaga

Após uma concorrência acirrada no processo seletivo, começou em janeiro o ano letivo no Senai, com 5 mil alunos matriculados em cursos de longa duração, fora os de aperfeiçoamento, de curta duração. A previsão é de preparar até dezembro 36 mil pessoas, nas oito unidades de educação profissional do Estado, instaladas em Goiânia, Anápolis, Catalão, Itumbiara, Rio Verde e Minacu. O número deverá crescer, dependendo da demanda das indústrias, como ocorreu no ano passado.

Foi de 12 candidatos por vaga a concorrência média para ingresso na instituição, superior à de cursos como medicina veterinária (10,8) e engenharia civil (9,3), registrada no vestibular de 2004 da Universidade Federal de Goiás (UFG). Houve disputa de até 20 candidatos por vaga, caso do curso de designer gráfico.

Nas modalidades de habilitação técnica e qualificação profissional, a concorrência dos cursos de mecatrônica (6,3) e operador de processos míneroquímico (16,6) superou, respectivamente, direito/matutino (5,96) e enfermagem (9.48), do vestibular de 2004 da Universidade Católica de Goiás (UCG).

A forte concorrência mostra a grande demanda por qualificação profissional diante do



Leonardo de Almeida e Lívia Avelar durante aula do curso de vendas no Senai

aquecimento da economia goiana e da abertura de vagas de emprego, evidenciada também pelos resultados obtidos no ano passado, quando o Senai não só superou a meta prevista – de 35 mil concluintes -, como bateu recorde na formação de recursos humanos, com mais de 53 mil pessoas qualificadas.

AT UA f ñ O AMPLIADA

A implantação de mais dois cursos de graduação tecnológica tecnologia em automação industrial e em rede de computadores -, além da abertura da segunda turma de química fármaco-industrial, consolida o ingresso da instituição no ensino superior.

Com os novos cursos de graduação, o Senai tem renovado e diversificado sua atuação na área de educação profissional para atender às exigências do setor produtivo. Os recursos investidos na modernização das unidades para implantação do ensino superior também vão beneficiar os demais níveis de formação profissional.

Na aprendizagem industrial, o Senai pretende preparar em 2005 mais de 1,9 mil alunos, o que representa aumento de 115,51% em relação a 2004. Os cursos de habilitação técnica (formação de técnicos de nível médio) devem receber mais de 3,7 mil alunos. Na modalidade de qualificação profissional, a expectativa do Senai é formar 3,8 mil pessoas e, na de aperfeiçoamento (cursos de curta duração), 25,6 mil. O Senai ainda prevê para este ano receber 400 inscritos nos 12 cursos de pós-graduação (lato sensu) e nos quatro de mestrado profissional.

Qualificação seguida de emprego

Indústrias do setor calçadista reforçam seu quadro de pessoal com pessoas mais qualificadas, preparadas pelo Senai para atender a necessidades localizadas

ano de 2005 será especial para Divina Aparecida, dona de casa, moradora de Goianira, que deixou de engrossar as estatísticas de desemprego no País. Em janeiro, ela e mais 27 pessoas assumiram postos de trabalho na Ferrari Calçados, indústria instalada no pólo calçadista de Goianira.

A oportunidade de emprego veio após os cursos ministrados pelo Senai referentes ao projeto Arranjo Produtivo Local, promovido em parceria com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Secretaria de Indústria e Comércio e Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás (Sindicalce). "Estava sem emprego fixo há algum tempo, fui selecionada para participar do curso de preparador de calçados e, hoje, tenho uma profissão que me garantiu trabalho e novas possibilidades de atuação no mercado. Quero fazer outras atividades no Senai para contribuir cada vez mais com o crescimento da empresa", planeja Divina Aparecida.

O curso veio atender às necessidades de 15 indústrias, habilitando 236 pessoas nas funções de cortador, preparador, pespontador, montador e solador, além de modelagem de calçados, técnicas de estilismo, planejamento e controle da produção, chefia e liderança, desenvolvimento de equipes, cronoanalista e de gestão de pessoas. Também foram desenvolvidas consultorias e assessorias técnicas, com

apoio do Senai de Jaú e Franca, São Paulo.

O projeto recebeu investimentos de R\$
200 mil e as ações ficaram a cargo da Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna, de Goiânia, unidade responsável pela formação

de profissionais para o setor e credenciada recentemente pelo Ministério da Educação para atuar também no ensino superior.

sino superior. CURSOS DIRECIONADOS

Para o gerente de produção da Ferrari Calçados, Ismair Braga, o aperfeiçoamento que ele fez no Senai ajudou a melhorar seu desempenho na fábrica. "Tenho 33 funcionários sob minha supervisão. No curso de gestão de pessoas, aprendi muito sobre relações interpessoais e como trabalhar em equipe buscando aumentar a produtividade da indústria", explicou.

O presidente do Sindicalce e proprietário da Ferrari Calçados, Flávio Ferrari, disse que o principal benefício do projeto foi a capacitação de recursos humanos da própria região para atender as indústrias. "Pretendo dar continuidade à parceria com o Senai.



Divina Aparecida fala em nome da turma e conta com entusiasmo as mudanças ocorridas após os cursos feitos no Senai

Temos muitas empresas e vamos precisar cada vez mais de mão-de-obra qualificada", disse.

Paulo Vargas, diretor regional do Senai, destacou a importância do programa para o crescimento do pólo calçadista de Goianira e para a comunidade da região. "A instituição desenvolve atividades que estejam sintonizadas com as necessidades das empresas para formar profissionais com perfil adequado à realidade do mercado", disse.

O superintendente de Administração e Finanças da Secretaria de Indústria e Comércio, César Gomes, disse que o sucesso do projeto deve-se, principalmente, à parceria com o Senai. "A instituição é referência em educação profissional e está comprometida com a modernização e o desenvolvimento industrial do Estado", ressaltou.

Festa resgata tradições

Comunidade revive tradições em grande festa popular. O Sistema Fieg participa pela primeira vez, colocando a unidade móvel de panificação do Senai para fabricar produtos típicos

ssim como a pequena Belém, na Palestina Antiga, ficou conhecida com o nascimento de Cristo, a cidade de Faina, em Goiás, ganhou visibilidade em todo o País, no dia 24 de dezembro do ano passado. O Jornal Nacional, da Rede Globo, mostrou o Natal do Sertão, projeto desenvolvido pela segunda vez por voluntários, a maioria moradores, e que nesta edição teve o apoio do Sistema Fieg.

Os habitantes do município, na região do Vale do Araguaia, a 200 quilômetros de Goiânia, criaram entre os dias 17 e 19 de dezembro, um Natal differente, modelado pelos seus próprios aspectos culturais. A Igreja da Matriz recebeu milhares de lâmpadas e no centro da cidade havia uma aldeia com oito ranchos retratando a casa do Papai Noel, o presépio vivo e personagens que caracterizam a cultura local, como parteiras e benzedeiras.

Uma das principais atrações da festa foi a chegada do Papai Noel. O lendário velhinho, acostumado a trenó, renas e neve, chegou de carro de boi, numa perfeita tradução da simplicidade do homem do campo e da valorização das raízes culturais do povo goiano.

Desta vez, a unidade móvel de panificação do Senai integrou as atrações do Natal do Sertão. A organizadora do projeto, Márcia Coutinho, explicou que na festa todas as atrações são representadas por personagens. Do mesmo modo, a oficina móvel proporcionou aos visitantes acompanhar ao vivo o processo da fabricação de panetones e roscas em formatos de guirlandas e quitandas.

Produtos da região, como doce de laranja, cajuzinho do Cerrado, cristais de rapadura, banana passa e castanha de baru, substituíram as tradicionais frutas cristalizadas. Ainda foram feitos panetones salgados, com lingüiças produzidas pelos moradores de Faina.

"A unidade de panificação despertou a curiosidade dos visitantes. Nos dois dias em que esteve em Faina, cerca de sete mil pessoas visitaram o local", disse o responsável pela fabricação dos produtos da unidade de panificação, Marcelo Almeida, que contou com a aiuda de 12 voluntários da comunidade.

A produção de panetones, roscas e quitandas foi doada ao Lar dos Idosos de Faina, contemplado também com todo o dinheiro arrecadado com a venda dos produtos fabricados durante o Natal do Sertão. Os voluntários que participaram da organização do evento também ganharam parte da produção.



Originalidade da festa de Faina é destaque no noticiário nacional

Soluções sob medida

Universitários colocam em prática o que aprenderam na escola por meio de projetos que colaboram para a competitividade de empresas em arranjos produtivos locais

urante seis meses, oito universitários goianos receberam bolsas para buscar soluções para problemas de gestão em empresas vinculadas a arranjos produtivos locais (APL). Aidéia é aumentar a competitividade das empresas por meio do desenvolvimento de competências organizacionais. Esses são os objetivos do projeto Bolsa de Gestão Empresarial em Micro e Pequenas Empresas, realizado em parceria entre o IEL local, o nacional e o Sebrae.

Em Goiás, o projeto piloto abrangeu oito micro empresas da área de informática, oito alunos e sete supervisores da Universidade Salgado de Oliveira. Entre as atividades programadas, houve trabalhos voltados para o aperfeiçoamento de

Empresas participantes do programa Bolsa de Gestão

Cânion Equipamentos de Informática

Empresarial

C&S Informática

Data Shopping

DR Sistemas

Ilian Soluções em Internet

Laffit Informática

Net 4 U

Web do Brasil

modelos de gestão, atendimento ao cliente, implantação de projetos de qualidade, de marketing, de cargos e salários, aumento de espaço físico e instalações e contratação de novos colaboradores. "A intenção é aumentar o nível competitivo das empresas, ao acrescentar conhecimentos no seu diaadia e formar recursos humanos de alto nível", diz Maria Lúcia Macedo, coordenadora do programa por Goiás.

Além da metodologia, outros fatores contribuem para o sucesso do programa. Ao abrir as portas de suas empresas, os executivos percebem que alunos e professores têm condições de trazer experiências do meio acadêmico capazes de promover mudanças inter-

nas positivas para suas organizações. A universidade, ao assumir o desafio de realizar um projeto piloto como este, se certifica que, com um acompanhamento constante, o aprendizado se completa com o conhecimento empírico.

CAPACITAf \tilde{n} O E INFORMAf \tilde{n} O

"Com esse projeto obtive mais informações sobre o cotidiano das empresas, e o apoio que recebi da alta



Tânia Rabelo e Regner Santos: bons resultados

direção foi decisivo para colocá-lo em prática", diz a estudante Tânia Mara Rabelo, que desenvolveu trabalho de marketing para a empresa Net 4 U, co-orientado pelo empresário Regner Santos, um dos diretores, que considerou produtivo o relacionamento com o meio acadêmico. "Para a empresa, o projeto foi fundamental na mudança de idéia corporativa e de mercado". Os resultados foram tão consistentes, que a Net 4 U decidiu mudar, inclusive, sua marca.

Estrada boa, viagem segura

Empresas do setor rodoviário adotam sistema de gestão da qualidade e obtêm resultados positivos com a diminuição de custos e melhoria de um serviço que atinge todos os cidadãos

reze empresas de engenharia, do ramo de conservação rodoviária, participam do projeto 3ª Via, para implementação do Sistema de Gestão da Qualidade em conformidade com a NBR ISO 9001:2000. O projeto é desenvolvido pelo IEL Goiás em parceria com a Associação das Empresas de Conservação Rodoviária (Ascor) e com o Sindicato da Indústria da Construção (Sinduscon).

A busca pela qualificação é tida como fundamental para se alcançar um serviço de alto padrão, diz o diretor técnico da Ascor, Ruy César Silvestre, ao enfocar a preocupação da entidade em preparar as empresas para atender hoje as exigências futuras do mercado. Nesse segmento, o principal cliente é o governo do Estado, por meio da Agetop (Agência Goiana de Transportes e Obras Públicas), órgão responsável pelas rodovias goianas. "Em um mercado globalizado, não se concorre mais só com os vizinhos, mas com empresas de todo o País e do mundo", acrescenta Silvestre, ao ratificar que o gestor público deve ser exigente na seleção de empresas que prestam serviços à população. A terceirização de obras de conservação rodoviária prevê controle de qualidade já no edital de concorrência.



Recuperação de estradas: conduta padrão visa serviços de melhor qualidade

A metodologia desenvolvida pelo IEL é suporte para este futuro próximo que pode vir para as empresas de conservação rodoviária, no âmbito do Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat (PBQP-H), criado pelo governo federal com objetivo de apoiar o esforço de modernização do setor da construção e infra-estrutura. "A implementação do sistema de gestão da qualidade é muito positiva, e as empresas já estão sentindo avanço no dia-a-dia com a padronização dos procedimentos administrativos junto à Agetop", acrescenta o diretor da Ascor.

Um exemplo é a Interenge Construção, que, mesmo com pouco tempo trabalhando com o Sistema de Gestão da Qualidade, já contabiliza benefícios com a iniciativa. A empresa define qualidade como "a busca incessante da satisfação do cliente e da excelência organizacional". Segundo a Representante da Direção (RD), Josélia Carnielo, desde a organização funcional ao atendimento externo, a empresa está mais eficiente após a implantação do sistema. "Toda a equipe tornou-se companheira, a comunicação interna foi enriquecida e estamos reduzindo custos com o aprimoramento dos serviços externos".■



Segurança alimentar

A norma ISO 22000, que será publicada este ano, é um documento de referência mundial para a certificação no setor de alimentos e vem atender um mercado cada vez mais exigente

iante da progressiva demanda por gêneros alimentícios de qualidade, vem se tornando imperativo o estabelecimento de condutas padrões que sirvam de diretriz para o crescimento das indústrias, com atenção à saúde dos consumidores. Considerando não somente o mercado interno, mas também o externo, já se discute uma adequação normativa para atender às exigências de países parceiros comerciais quanto à qualidade e segurança alimentar. Esse movimento está determinando que as organiza-

ções que produzem e/ou industrializam gêneros alimentícios implantem sistemas que garantam a segurança dos produtos fornecidos ao mercado. O resultuado foi a criação de um grupo de trabalho com representantes de 14 países de todos os continentes, que iniciou o desenvolvimento do projeto ISO/AWI 22000. O objetivo: harmonizar os processos individuais e as normas voluntárias que diversos países criaram de acordo com suas realidades, visando estabelecer requisitos de acreditação às empresas do setor.

Segurança alimentar é assunto estratégico, de interesse mundial, não somente porque envolve saúde pública, no âmbito interno, mas também o aspecto da competitividade de qualquer país no mercado externo. A união comercial no mundo vem sendo acompanhada por uma redução das barreiras tarifárias. De tal forma, órgãos governamentais competentes têm atualizado a legislação e implementado mecanismo de controle específico, até transformando-os em barreiras não tarifárias. Por sua vez, as empresas vêm buscando fa-

zer as adequações necessárias. Assim, dispor de um sistema de garantia da qualidade dos alimentos antecipa ações para adequar os produtos brasileiros a essas exigências.

A ISO 22000, em sua versão final. deverá ser uma alavanca efetiva para a produção e a manufatura de alimentos seguros, atendendo às legislações e exigências dos mercados consumidores e das empresas.

OBJETIVOS E CONSTITUI f ñ O

Está sendo desenvolvida pela International Organization for Standardization (ISO) a norma para a certificação de sistemas de gestão de segurança alimentar. A ISO 22000, que será publicada este ano, é a oportunidade para se atingir uma padronização internacional no campo das normas de segurança alimentar, propiciando ainda a implementação da APPCC (Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle), para todos os interessados da cadeia de alimentos.

A norma que será referência mundial para a certificação no setor de alimentos terá como objetivos: 1) atender aos princípios da APPCC estabelecidos no Codex Alimentarius; 2) harmonizar as normas internacionais e setoriais de utilização voluntária; 3) prover uma base única de referência para as auditorias de primeira, segunda e terceira parte; 4) alinhar a estrutura do modelo de gestão ao modelo proposto na norma ISO 9001:2000, e; 5) proporcionar integração e comunicação com os conceitos de APPCC adotados internacionalmente.

Basicamente, a ISO 22000 fornecerá diretrizes para a implementação do sistema de segurança ali-

Segurança alimentar é assunto relevante e estratégico

mentar, de maneira a integrar os três pilares técnicos que constituem a norma – ISO 9000 (gestão), APPCC (princípios do Codex Alimentarius) e Boas Práticas de Fabricação (BPF) – ao pilar da comunicação.

A publicação e utilização da norma pelas organizações alimentícias possibilitarão melhor eficácia desses sistemas, resultando num produto seguro ao consumo e objetividade para um sistema certificável único e reconhecido mundialmente.

SISTEMA DE GESTÑO

A norma que constitui ferramenta para implementar o sistema de gestão de segurança de alimentos das organizações tem os requisitos desenvolvidos por especialistas em APPCC de todas as partes do mundo. Portanto, as companhias que já estão certificadas por uma norma de segurança de alimentos estarão aptas a atualizar seus sistemas com os requisitos adicionais da ISO 22000, tendo a oportunidade de serem certificadas. Isso dependerá do nível de conformidade da norma certificada com a nova norma ISO 22000.

O esforço será menor para as companhias certificadas com um sistema de APPCC, dada a semelhança de interface de gestão, mas, para aquelas que são certificadas com base em outras normas, a adaptação vai requerer maior trabalho.

INMETRO APRESENTA APPCC

O sistema de gestão APPCC acreditado pelo Inmetro considera, além dos aspectos técnicos apresentados pelo Codex, alguns elementos de gestão. Isso proporcionará, para as empresas que decidirem implementar seus requisitos, uma ferramenta para gerenciar a prevenção da contaminação de seus produtos por agentes físicos, químicos e biológicos, assim como as ações para minimizar os efeitos quando da ocorrência do problema. Esse sistema permite levantar os perigos que podem ocorrer na produção de um determinado alimento numa linha de processamento e controlá-los durante a produção.

O Programa de Acreditação de Sistemas APPCC foi apresentado pelo Inmetro durante o Encontro Nacional dos Organismos Acreditados, em dezembro do ano passado.

A Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle é apresentada no documento da comissão do Codex Alimentarius, integrante do grupo de elaboração da ISO 22000. Os princípios do Codex são utilizados por se tratar de um Programa Conjunto da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO) e da Organização Mundial da Saúde. O Codex é um fórum internacional de normalização sobre alimentos. Suas normas têm como finalidade proteger a saúde da população, assegurando práticas equitativas no comércio regional e internacional de alimentos, criando mecanismos internacionais dirigidos à remoção de barreiras tarifárias.

SINQUIGO-SINDIPÃO-SINDIREPA

Novos presidentes

Desde o dia 3 de janeiro, o Sindicato das Indústrias Químicas do Estado de Goiás (Sinquigo) tem nova diretoria, integrada por: Eduardo Cunha Zuppani (presidente), Jaime Canedo (vice-presidente), Agripino G de Sousa (2º vice-presidente), Jair José de Alcântara (diretor-tesoureiro), Marcelo Mendes (diretor-secretário), Ronaldo Aspesi, Antônio de Queiroz Neto e Baltazar de Castro Júnior (conselheiros fiscais). Mudanças também ocorreram no Sindipão (Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria) e no Sindirepa (Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios) que contam com novos dirigentes: Luiz Gonzaga de Almeida e Aldrovando de Castro Júnior, respectivamente.

SINVEST

Trabalho pela classe



O novo presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás (Sinvest) é Roberto Guimarães Mendes. José Antônio Simão, que está no setor desde 1974, renunciou ao cargo no dia 30 de dezembro. "Chegou a hora de me afastar das lides sindicais. não apenas por motivos de saúde, mas por sentir que já dei minha participação, no máximo de minhas forças, e com o melhor dos meus ideais. Deixo o sindicato, mas não abandono a luta pelo desenvolvimento de Goiás e pelo crescimento e fortalecimento da nossa classe", disse José Simão, que continua membro do Conselho de Representantes Junto à Fieg e vice-presidente da Federação das Indústrias.

SINDICARNE

Acordo em andamento

A Secretaria da Fazenda vai atender parte das reivindicações apresentadas pelo Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás (Sindicarne) no que se refere à mudança da política tributária para empresas exportadoras. O secretário José Paulo Loureiro ficou de definir o teto do crédito à exportação. O valor deve variar entre 3% e 5% da carga tributária do ICMS. Foi acatado o pedido para manter o crédito outorgado de 9% sobre as transferências de carne sem osso entre os estabelecimentos. A transferência da carne com osso, entre frigoríficos de uma mesma empresa, será feita sem a concessão de benefício fiscal. Para a venda da carne, o crédito outorgado permanece em 9%. Falta definir, porém, se a cobrança ao programa Protege Goiás permanece em todas as operações ou somente sobre as vendas, como querem os frigoríficos.

SIAEG

Ffatia deve crescer em 2005

A Multiplus, empresa organizadora da Feira de Fornecedores e Atualização Tecnológica da Indústria de Alimentação (Ffatia), se prepara para o crescimento que o evento deverá ter este ano, uma vez que a renovação dos contratos está sendo maior do que na edição anterior. A projeção é de que estarão presentes cerca de 250 expositores, 70 a mais do que em 2004. No caso das empresas goianas, a maioria já tem

presença confirmada. A Ffatia 2005 acontece de 25 a 28 de outubro, no Centro de Convenções de Goiânia, e trará as principais novidades, produtos e serviços voltados para a produção industrial de alimentos e bebidas. O evento é promovido pelo Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás (Siaeg) e pela Fieg. Mais informações sobre o evento podem ser obtidas no site www.ffatia.com.br

SINDM%VEIS

Moveleiros em rodada de negócios

De 15 a 19 de março, na cidade de Bento Gonçalves (RS), aconteceu a 7ª edição da Feira Internacional de Máquinas, Matéria-Prima e Acessórios para Indústrias Moveleira (Fimma Brasil 2005). Com apoio da Fieg,

do Sesi, do Senai e do Sebrae o Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira do Estado de Goiás (Sindmóveis) levou uma caravana de empresários ao evento, que apresenta as novidades mundiais nes-

sa área. No programa consta a realização do Encontro Setorial Al-Invest/Fimma, uma rodada de negócios com a participação de empresas da União Européia e América Latina e do setor madeireiro-florestal.

SINDUSCON

Prêmio CBIC

O presidente do Sindicato das Indústrias da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon), Joviano Teixeira Jardim, convida as empresas associadas a participar da primeira edição do Prêmio da Câmara Brasileira da Indústria da Construção

.Tubos redondos com costura - padrão laticínio A-270

.Barras redondas, quadradas, sextavadas e chatas

.Chapas

(CBIC) de Responsabilidade Social. Promovida pelo Fórum de Ação Social e Cidadania da CBIC, a iniciativa visa dar continuidade ao trabalho de divulgação das ações sociais das empresas construtoras. A premiação acontece durante o 77º

Encontro Nacional da Indústria da Construção (Enic), de 17 a 19 de agosto, na cidade de Gramado (RS). As inscrições já estão abertas e seguem até o dia 15 de abril. Outras informações podem ser obtidas pelo site www.cbic.org.br.



São Paulo - SP - CEP 05307-190 - Brasil

PABX: 11 3835 - 9499 / 3648 - 4800

Av. Terceira Radial, 369 Qd 129 Lote

Setor Pedro Ludovico

Goiânia - GO - CEP 74820-100

De burocracia e outras chatices

REINALDO FONSECA

ssim como a morte e os impos tos, a burocracia se tornou ine vitável. Um estudioso poderá atestar que suas origens remontam à posse de bens, à arrecadação de tributos, à manipulação do poder político e, mais recentemente, à incompetência de alguns países e empresas de lidar com a simplicidade. Isso mesmo, pessoas e organizações não são capazes de enxergar o simples, de avaliar a importância do tempo na vida moderna, no deslocamento entre espaços urbanos. Na era da informática, da comunicação, da vida digital, existem milhões de pessoas em todo o mundo realizando enorme esforço para burocratizar. Vamos nos limitar ao Brasil e comentar alguns exemplos que conflitam com a racionalidade, com a competitividade e com o bem-viver.

Tempos atrás, numa reunião que discutia a melhoria do trânsito em Goiânia, me demandaram sugestões. Todos se prepararam para ouvir as mesmas de sempre, ou seja: viadutos, inversões de mão, menos ou mais sinais de trânsito, etc. Para espanto geral, sugeri que se os órgãos públicos agilizassem o atendimento por telefone/fax, correio eletrônico, carta ou qualquer outro meio que não fosse preciso se deslocar até a repartição, o trânsito de Goiânia melhoraria.

Somos um país do papel, do carimbo, das firmas reconhecidas, das autenticações; crescem assustadoramente os requisitos para ajuntar documen-



tos nas petições de qualquer natureza. Estamos na era do computador, afundando em papéis e enterrando a palavra. Mas não é só o poder público que disputa a maratona da burocracia. A empresa privada segue o mesmo rumo. Relatou-me um amigo que, anos atrás, era fácil comprar uma peça de trator. Hoje, se não souber o código da peça, a situação se complica. Outro amigo disse-me que para solicitar um serviço a uma das telefônicas locais, teve que ligar para uma central, digitar o número do seu telefone e o CPF, digitar o serviço que queria. Foi atendido por uma pessoa que lhe pediu os mesmos dados que já havia digitado e o remeteu a um terceiro, para quem foi obrigado novamente a repetir os dados. Entre a ligação, a chateação e o atendimento, decorreram 20 minutos - é tempo demais para se gastar com burocracia.

Vou dar agora um exemplo pessoal. Por força da profissão, fico sempre atento ao que se denomina "tempo e movimento", ou seja, como é feita uma tarefa e em quanto tempo. Reparei que os caixas bancários são obrigados a digitar, em média, para operações de pagamento, cerca de 30 toques. Já contei mais de 40! Isso é resultado de excesso de controle, pois na realidade os caixas fazem o serviço administrativo também. Quem perde: a saúde do funcionário, o cliente que espera mais tempo e a produtividade do trabalho no País. Quem ganha: a burocracia, pelo excesso de controle adotado na operação.

Outro dia, perguntei a um especialista em assessoria tributária como ia seu negócio. Ele respondeu que havia restringido o serviço diminuindo o atendimento referente a um tributo em especial. Perguntei por que. Imediatamente, sem vacilar, respondeu: não estávamos dando conta de acompanhar as alterações deste imposto.

Recomendo às empresas, urgentemente, refletir sobre o assunto, pois o bom atendimento, seja pessoal, seja por telefone, representa uma chance de realizar o negócio e atender bem o cliente e respeitar seu precioso tempo. À sociedade brasileira, faço um alerta: lute contra o monstro da burocracia, quer na administração pública, quer na particular, pois a continuar assim, haverá perda de competitividade da economia brasileira como um todo frente às economias mais ágeis do mundo global.

Reinaldo Fonseca e economista e assessor da Fieg

SINDICATOS COM SELE NA FEDERAFÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE COTÁS - FIEG

Av . Arhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indistria, Centro, Obiânia / CD, CEP 74043-010

SAC

Sirdicato des Indistries de Alimentação no Estado de Giás Residente: Sando Marel

Fore (2) 224-4253 Fex 224-9226 - siaeopfiegocybr

SHE

Sindiato de Indistrias Etotias do Etado de Giás e do Distrito Redial

Residente: Orlando Alves Carreiro

Fore (62) 212-6092 Fex 212-6092 - siempfieglagibr

SIG

Sindicto de Indistrias Cláficas no Estado de Grás

Besidete: Atónio de Stusa Abeida Rone (2) 223-6515 Fax 225-4988 - siopepolifiespocybr

SIMPRO

Sindicato das Indistrias Metalúgicas, Metanicas e de Metarial Eférico do Estado de Carás

Besidente: Hélio Naves

Pone/Fex (62) 224-4462 - sinelgo@zz.combc

SIMPLACED

Sindictodas Indistrias de Miterial Plástico no Estado de

Besidete Jose Liz Bezz Meister

Fore (2) 229-2427 Fex 224-5405 - simplemontal professional control of the control

SINZHÉ

Sindicto des Indistrias de Tonefação e Mangen de Cátério Estado de Cátéria

Besidete Sub Chuirel Câna

Rome (62) 212-7473 Hax 212-5249 - sincafe@filegocylor

SINDAGO

Sindiato des Aceiros do Estado de Guiás Residente, Carlos Alcento Diniz

Fore/fax (2) 224-5583 - sindagofiegoglar

SINDATE

Sindato des Indistrias de Alfaistaria e Confeção de Rupas para Homens no Estado de Coiás

Residente: Daniel Vlana Rome (62) 223-2050

SINDIBRUA

Sindato des Indistries Estativas de Redeiras do Estado de CO TOPOTO

Presidente: Paloio Russi.

Fore (2) 224-998 Fex 223-667 - similaritæfiæjacjar

SINDICAGE

Sindicto des Indistrias de Calçados no Estado de Caiás Bessidate: Efaio Renari.

Rome (2) 225-6412 Hex 225-6402 - sindicalce/fregorgion

SINDICARVE

Stroicato das Troistrias de Carres e Parivados no Batado de Cáris e Distrito Rehal Bessidate - José Mayo Pato Roma (2) 229-1187 e 212-1521 sirdicarrea Fiego ogdor

SINDICURIUME

Sindicto des Indistries de Cirtures e Concletos do Estado de Grés

Besidete: Jão Bando

Fore (2) 213-4900 Fex 212-3970 - sindicutional.combr

SINDICESE

Sindicato des Indistrias de Cesso, Decoações, Estuques e

Onatos do Estado de Corás

Besidete José Luiz Metin Aboli.

Fone (62) 225-7888 - sindigessoufiegaglar

SINDIETIE

Sindicto des Indistrias de laticínics no Estado de Giás

Besidete César Hélou

Fore (2) 212-1135 Fex 212-8885 - sindleitesfürgragen

SINDIERIC

Sindictodes Indistrias de Parificaçõe Confeitaria

no Estando de Cobás

Besidente: Luiz Conzop de Abeida

Rome (2) 225-1076 Pex 225-1016 - sindiproffiegacylar

SINDIRERA

Sindicto de Indistria de Repusção de Vérculos e Acessónios

ob Estado de Cobás

Residence: Adiovando Divino de Castro Jinior Fone (2) 224-0121 - sindinganga Fiegoaglar

SINDMAEIS

Sindicato das Indistrias de Moneis e Artefacas de

Madria no Estado de Criás

Presidente: Carlos:Alberto Vieira. Sanes

Fore/Fax (62) 224-7296 - sirahoveissasirahoveis α sasirahoveissasirah

SINDIRIGO

Sindicto des Midios de Trigo da Região Certro Ceste

Residence Alúsio Qintanilla de Bancos

Fone (2) 223-9703 - sindirigatingaglar

SINING

Sindatodas Indistrias de Calcário, Cal. e Derivados no Estado

de Cáris

Residente: Rainundo Viana Ditra

Fore (2) 223-6667 Fex 224-9983 - siningsyffiegorgibr

SINFROCIM

Sindicato da Indistria de Producs de Chrento do Estado de

Besidete: Nedey Atrônio da Roba

Fore (2) 224-0456 Fex 224-0338 - siacland.combr

SINUIGO

Sindato das Indistrias Qúnicas e Parametricas no Batado de Cásis

Residente: Rilardo Cirlos Zippani.

Fore (2) 212-3794 Fex 225-0074 - simplifa@ficeposplor

SINESI

Sindicto des Indistrias de Vestuário no Estado de Giás Besidete: Riseto Guinarãos Nendos Riseta (2) 225-928 - sin estaficio por para

SINDICATOS COM SELE EM OUTROS ENLEREJOS

STAGO

Sindicato das Indiatrias do Anoz no Estado de Guiás Residente: Redio Alves de Chiveina

Ra T45, n.º 60 - Stor Bero - GP 7/210-160 - Giânia - CD Rone (62) 251-3166 Rex 251-3691- siaopteultura.combr

SIFAJUCAR

Similizato da Indústria de Elanização de Aplicar do Estado de Ciás

Besiderte: Segundo Bacilos Martinez

Residente Beautivo: Topo Montenego (Electino Otto Rea C-286, nº 44 - Jacolin América - CEP 74290-130 - Griânia - CD

Rone (62) 274-3133 Fex (62) 251-1045

STRAKE:

Sindicato das Trollatrias de Elbricação de Álccol. no Estado de Griás

Presidente: Segundo Bracios Martinez

Presidente Executivo: Igor Montenegro Celestino Otto

Ra C-236, rf 44 - Jardim Avierica - ORP 74290-130 - Goiánia - CD

Fone (62) 274-3133 (62) 251-1045 - sifægitena.combr

STMACRAN

Sirolicato das Indústrias de Robas Oramentais do Estado de Grás

Bresidente: Iluís Antônio Vessani.

Ra T-30, rf 2,105 - Setor Bueno - CEP 74215-060 - Galània - CD Rone/Rex (62) 255-7009 - vessarii@netsp.com.lor

CIMEGIA

Sindicato da Tridistria Metalúgica, Mezinica e de Meterial. Flatrico

ob Sudreste Obiano

Besidete: Welindon States Carrijo

Av. Razanes de Carvalho, nº 1147 - Baino Brinavera - CEP 75900-

0 - Rio Verde - CO

Rome (64) 623-0591. Rex (64) 612-7984

SINDUSCON-GO

Sindicato da Indistria da Construção no Estado de Caiás Residente: Joviano Teixeira Jacim

Rautão de Abea, n.º 427 - Setor Ceste - CEP 74120-110 - (6-13-1a - CE)

Fore (62) 3055-5155 Fax 3055-5176/5177 - contato@siml.scorpias.com.br

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Conferções de Royas en Caral de Grânia

Presidente: Freebrico Martins Rangelista

Ra 1.137, rf 87 - Stor Marista - CBP 74180-160 - Goiánia - CD Fone Rax (62) 278-4477 - agicontegicon.com.lor

SINDICAICS COMSTEEMANÁROLIS

Av. Big' Riberto Marge, rf 2994, Junieri, Argolis / © CEP 75113-630 Ronyllax (©) 324-578 / 311-5755 evail : nuraps/fiegoglar

SIAA

Sindicato des Indústrias da Alimentação de Arápolis Residente: Wilson de Cliveira

SICM

Sindicato des Indistrias da Construção e do Mibiliário de Arápolis

Presidente: Ubinatan da Silva Iques

SIMEA

Sindicato das Indís

trias Mitalúgicas, Meánicas e de Miterial Elécnico de Arápolis Bresidente: Elton de Teles Camos

SINCERAM

Sindicato das Indústrias de Carânica no Estado de Guiás Residate: Laste Sinão

SIVA

Sindicato des Indiatrias do Vestuário de Arápolis Residente: Jusé Vieira Guide Júnico













